



24º Colóquio da Lusofonia

24-27 setembro 2015

Entrada Livre - Hotel Graciosa Resort





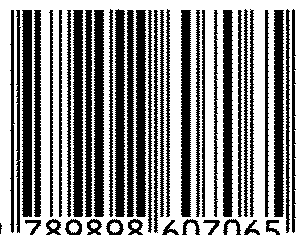
XXIV COLÓQUIO DA LUSOFONIA

SANTA CRUZ DA GRACIOSA

24-27 setembro 2015

Programa com sinopses e biodados

ISBN 978-989-8607-06-5



9 789898 607065

ISBN 978-989-8607-06-5





1. HISTORIAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo.

Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental, Açores (ilhas de São Miguel, Santa Maria e Graciosa), Brasil, Macau e Galiza continua a tentar negociar idas a outros países: Itália, EUA, Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-Leste, Polónia, Roménia, França e outros países.

Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, ***"I had a dream..."*** para explicar como já realizámos vinte e quatro Colóquios da Lusofonia.

Criados em 2001, passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 2010 e, cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos/as de longa data se tratasse. Não buscam mais uma Conferência para o currículo - quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado/a - antes partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos immanados do ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Aliás, desde a primeira edição abolimos o sistema português de castas que distingue as pessoas pelos axiónimos, ou títulos apensos aos nomes. Esta pequena revolução tem permitido desenvolver projetos onde não se pretende a autoria mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação mais abrangente), e daí termos realizado o 21º Colóquio numa praia...

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor,

José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia.

Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.

Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia.

No 1º Colóquio 2002 AFIRMOU-SE

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos média nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes.

Há tempos (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba.

Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O Inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso.

A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de Inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e

respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora.

Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o Inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Câmbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal.

A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos. Diz Crystal:

“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto, é sem dúvida a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês.

De facto, cerca de 80% do vocabulário Inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É até irónico que algumas dos anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de Latim e de Francês na sua origem.

*Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão.*

Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.

Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro Language Death. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não

substituem as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substitui o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário.

É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.

Recordo ainda que não é só o Inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo."

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002, patenteamos que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências.

Os Colóquios inovaram nessa sua primeira edição e introduziram o hábito de entregarem as Atas/Anais em DVD/CD no ato de acreditação dos participantes.

No 2º Colóquio [2003] DISSE-SE

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da língua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão.

Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge pois apoiar a formação linguística dos meios de

comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes.

A atual crise portuguesa não é meramente económica mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzentismo e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização.

Os cursos superiores estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

No 3º Colóquio [2004], CUJO TEMA ERA A LÍNGUA MIRANDESA, DIZIA-SE

Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo Língua oficial existem Lusofalantes. Este Colóquio como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobrarmos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

EM 2004, LANÇAMOS

A campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

No 4º Colóquio [em 2005] SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR-LESTE, ESCREVEIA-SE

"O português faz parte da História timorense. Não a considerar uma Língua oficial colocaria em risco a sua identidade", defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa "tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas" e é

tanto mais plausível porque "o contacto com Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tétum-Díli", afirma Hull. "A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender" a língua portuguesa".

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe Ximenes Belo, muito menos imaginávamos que teríamos a exposição de fotografia do Presidente XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado.

Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral.

As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma Língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o Tétum e vários dialetos. O objetivo destas iniciativas é *"aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades"*.

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que "foi sobremodo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor", e daí a relevância da presença do Bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiossincrasias.

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste Colóquio era o futuro do português em Timor.

"O Tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do Inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do Inglês, o Tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o Tétum".

Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar que "de momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português". Por isso "não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado e a crescer nos restantes países".

EM 2006, NO 6º COLÓQUIO

No V Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela Região Autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatro cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mia Couto) na Eslovénia. “Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alondorar-se ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.” Por outro lado, conseguiu-se que os colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes colóquios é diferente da maioria das realizações congéneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do Colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem

acelerados como se viu na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira política da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A R. P. da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das características culturais de um povo que nunca foi nação. Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

EM 2007, NO 8º COLÓQUIO BUSCOU-SE UM TEMA AINDA MAIS POLÉMICO E A NECESSITAR DE DEBATE:

“O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bragança encontrei ali formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população independentemente da sua classe

socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os seus primos do Porto... a própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer.

Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da Lusofonia de que tantos falam mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a Lusofonia continua a ser entendida por muitos como uma extensão do ex-Império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja.

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo.

Creemos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca.

São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja Língua-Mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

O espaço dos Colóquios [Anuais] da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança como base entre 2003 e 2010, Seia em 2013, Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), e nos Açores, na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-12), Vila do Porto (2011), Maia (2013) na praia, nos Moinhos de Porto Formoso em 2014 e, de novo, em Seia 2014.

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes:

EM 2007 NO 8º COLÓQUIO

Atribuímos o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

EM 2008 NO 10º COLÓQUIO

Inauguramos a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se propositadamente para dar “o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia”. Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores). A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

EM 2009 NOS 11º E 12º,

Definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu posteriormente.

EM JANEIRO DE 2010

Lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal www.lusofonias.net), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de duas dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar online para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

TAMBÉM EM 2010,

O 13º Colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e

Chrys Chrystello, antes de se rumar a essa décima ilha açoriana que é Santa Catarina e Florianópolis.

EM 2010, BRAGANÇA, NO 14º COLÓQUIO,

Na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhan, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo). Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel, o qual já está no portal, disponível apenas para os associados.

EM 2011, NO 15º COLÓQUIO,

Uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos embora ainda não tenham trazido resultados práticos.

Ali se lançou o segundo volume do livro *Crónica Açores* de Chrys Chrystello

NESSE ANO DE 2011, NO 16º COLÓQUIO,

Fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além se apresentar **a Antologia bilingue de autores açorianos**, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo Acordo Ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA,

Reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da Ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da Ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

EM OUTUBRO 2012, NO 18º COLÓQUIO,

Levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações mas com fraca adesão de público.

NA LAGOA E NA GALIZA (2012)

Difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Falta dizer que dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, **a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos** (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado **Crónica do Quotidiano Inútil**

NA MAIA (2013) NO 19º COLÓQUIO,

Lançaram-se vários novos projetos, a Antologia no feminino (9 Ilhas 9 escritoras), um cancionário, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade. Registou-se a presença, pela primeira vez de representantes do Camões e do IILP (Instituto Internacional da Língua Portuguesa) da CPLP

EM SEIA (2013) NO 20º COLÓQUIO,

Criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Doutora Zilda Zapparoli, que será composto por textos em língua portuguesa de diversos países lusófonos. Esta proposta foi feita a José Lopes Moreira Filho durante a sua comunicação ao 20º Colóquio, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos.

Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão *pop*, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em São Miguel, Açores, com vista ao lançamento de um CD. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos. Tenta-se colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (ela que já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores).

2014, o 21º COLÓQUIO

Teve a particularidade de nos obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data prevista por haver excesso de oradores para o idílico local onde se realizou – a Praia dos Moinhos, Porto Formoso. Nesse ano lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (2014 – Poesia em honra de Brites Araújo), e publicaremos o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º Colóquio além de tentarmos criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI, e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato.

Lançamos no 21º Colóquio mais dois projetos: a **Coletânea de Textos Dramáticos** de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a **Antologia no feminino “9 Ilhas, 9 escritoras”** incluindo Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho

EM 2014, NO 22º COLÓQUIO EM SEIA,

Tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos para a maioria da população – os professores José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos igualmente trazer um grupo de dançarinos/as de Timor-Leste que ao longo de três sessões nos encantaram, tentando fazer uma aproximação entre culturas lusófonas bem distantes.

Anunciaram-se inovações interativas para o preenchimento das fichas de inscrição e a preparação de pequeno volume 9 Ilhas, 9 autores 9 línguas traduzidas

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma? Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado?

Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

“É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%)” - analisa Carlos Reis, da Universidade

de Coimbra, Professor Visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012.

O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística. Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Além destas "indústrias da língua", há as ligadas a fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais.

O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US\$ 107 mil milhões (2009).

A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado em casos como o do Egito, com mais de 5.000 anos, e é pobre.

Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis.

O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufaturados.

Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno com uma imagem de segurança, ordem e trabalho, como cofre-forte do mundo.

Na comparação entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, demonstra-se que não há qualquer diferença intelectual.

A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios...

A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade, e ética.

SOLUÇÃO-SÍNTESE:

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um micro Estado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;
9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: "não interessa!" A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir!

Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

Refletamos sobre o que disse Martin Luther King:

"O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons..."

LEIA O MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO, [HTTP://WWW.LUSOFONIAS.NET/PROPOSTAS-AICL/MANIFESTO-AICL-2012.HTML](http://www.lusofonias.net/propostas-aicl/manifesto-aicl-2012.html)



2. TEMAS 2015 GRACIOSA

TEMA 1 AUTORES E TEMAS DA ILHA GRACIOSA

- 1.1. AUTORES E OBRAS LOCAIS
- 1.2. FALARES DA GRACIOSA
- 1.3. DA HISTÓRIA DO POVOAMENTO AOS NOSSOS DIAS, UMA

IDENTIDADE GRACIOSENSE

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA

- 2.1. Língua Portuguesa no mundo
- 2.2. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
- 2.3. Língua Portuguesa Língua de Identidade e Criação
- 2.3. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço
- 2.4. Língua Portuguesa, Lusofonia e diásporas

- 2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.6. Política da Língua
- 2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências
- 2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia
- 2.9. Outros temas lusófonos

TEMA 3 AÇORIANIDADES

3.1 Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana

3.2. Açorianos em Macau e em Timor – D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, (Bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, João Paulino de Azevedo e Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado

3.3. Revisitar a Literatura de Autores Estrangeiros sobre os Açores:

· Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other engravings*, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.

· Bullar, Joseph / Henry (1841): *A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas*, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].

· Henriques, Borges de F. (1867): *A trip to the Azores or Western Islands*, Boston: Lee and Shepard.

· Orrico, Maria "Terra de Lúdia",

· Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à Ilha",

· Tabucchi, António, "Mulher de Porto Pim"

· Twain Mark (1899): *The Innocents Abroad*, Volume I, New York; London: Harper & Brothers Publishers. (capítulos sobre os Açores, Faial), CAP. V/VI

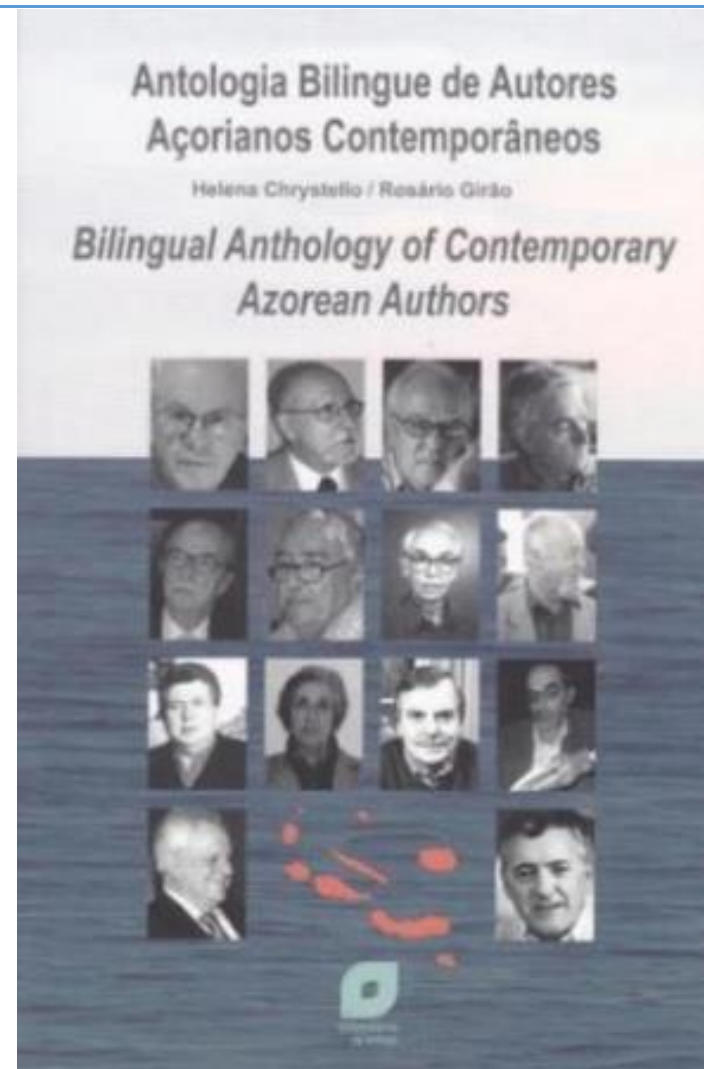
· Updike, John. "Azores", *Harper's Magazine*, March 1964, pp. 11-37

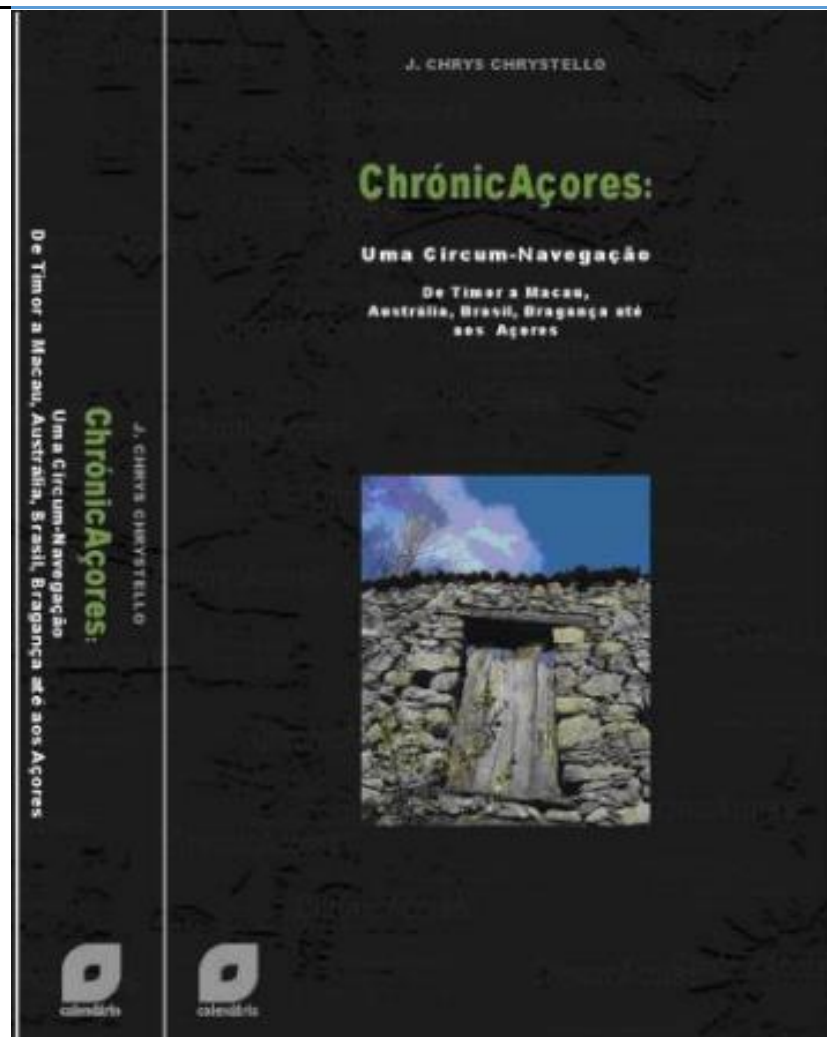
TEMA 4 TRADUTOLOGIA

- 4.1. Tradução de Literatura lusófona
- 4.2, tradução de e para português

3. MOSTRA DE LIVROS AICL/CALENDÁRIO DE LETRAS







Lucília Roxo

Helena Chrystello

Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos



Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos

Helena Chrystello

Lucília Roxo



4. RECITAIS MÚSICA CLÁSSICA, CANCIONEIRO AÇORIANO E POETAS MUSICADOS - ANA PAULA ANDRADE (PIANO), PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO, CONSERVATÓRIO REGIONAL, PONTA DELGADA, AÇORES / AICL, E CAROLINA CONSTÂNCIA AO VIOLINO

5. RECITAL DE MÚSICA TENOR FRANCISCO LOBÃO DO TEATRO DE SÃO CARLOS, Lisboa) COM ANA PAULA ANDRADE NO Piano

6. MÚSICA FOLCLÓRICA (GRUPO DE FOLCLORE GUADALUPE)

7. SESSÕES DE TEATRO -GIRA TEATRO DE FLORIANÓPOLIS, STA CATARINA, BRASIL E A SEMENTE, ILHA GRACIOSA

8. APRESENTAÇÃO LITERÁRIA SAHAR A RAPARIGA DO VÉU DE SUSANA TELES MARGARIDO ED LETRAS LAVADAS

9. APRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA OBRA DE D. M^a LUÍSA LOBÃO: OS CHEIROS DA NOITE - A MEMÓRIA DA ILHA, POR, BRITES ARAÚJO

10. SESSÕES DE POESIA

- ÁLAMO OLIVEIRA,
- BRITES ARAÚJO,
- CONCHA ROUSIA,
- CHRYS CHRYSTELLO,
- SUSANA MARGARIDO (poesia de outrem),
- LUCIANO PEREIRA

11. PASSEIOS CULTURAIS (carregue para ver detalhes)

- Visita guiada ao Museu da Graciosa, Passeio à Praia (S. Mateus), / Termas do Carapacho; / Guadalupe; Parque Natural Da Graciosa
http://lusofonias.net/images/pdf/FurnaEnxofre-JL-Gaspar_x264.mp4, CAVIDADES DA FURNA DO ENXOFRE

CAVIDADES VULCÂNICAS FURNA DO ENXOFRE

12. COMISSÕES

COMISSÃO EXECUTIVA DO 24º COLÓQUIO

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, M.A. (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL

VICE-PRESIDENTE, Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

VOGAIS:

- Presidente da Câmara Municipal de Santa Cruz da Graciosa, Manuel Avelar
- Vice-Presidente da Câmara Municipal, Mª Conceição de Sousa da Luz

Cordeiro

- Brites Araújo, escritora
- Jorge Cunha, Diretor do Museu da Graciosa

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTOS:

Rolf Kemmler, Universidade do Alto Douro

Perpétua Santos Silva, Instituto Politécnico de Santarém

José Soares, Jornalista AÇOR-CANADIANO

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL - ASSOCIAÇÃO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA 2013-15

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro, Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara, UDI Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Chrys Chrystello, M.A., jornalista/escritor, Presidente da Direção da AICL
4. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, Vice-Presidente da AICL, Açores,
5. Prof.ª Doutora Mª do Rosário Girão (Deptº Estudos Românicos) Univ. Minho Braga,
6. Professor Doutor Rolf Kemmler, (CEL) Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) Vila Real,
7. Prof. Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instº Politº Setúbal,
8. Prof.ª Doutora Anabela Naia Sardo, ESTH, UDI, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
9. Eduardo Bettencourt Pinto, escritor, Vancouver, Canadá
10. Prof. Doutor Manuel J Silva, Universidade do Minho,
11. Concha Rousia, MSc, Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
12. Prof.ª Doutora Mª Zélia Borges, jubilada Universidade Mackenzie, S. Paulo, Brasil
13. Prof.ª Doutora Anabela Freitas (Mimoso), Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Porto,
14. Dr. Ângelo Cristóvão, Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
15. Dr J H Álam Oliveira, escritor, ex- DRC, Terceira, Açores
16. Dr Norberto Ávila, escritor, Lisboa, Portugal

13. ORADORES / PRESENCIAIS / CONVIDADOS / ORG

GRACIOSA 24-27 setembro 2015

ORADORES/PRESENCIAIS/CONVIDADOS/ORG

NOME	INSTITUIÇÃO	TEMA E TÍTULO
1. AFONSO TEIXEIRA FILHO	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO BRASIL, AICL	3.1. O ANFITRIÃO, DE NORBERTO ÁVILA
2. ÁLAMO OLIVEIRA	ESCRITOR AÇORIANO, TERCEIRA, AÇORES, AICL	3.1. MANUEL MACHADO, ESCRITOR AÇORIANO SESSÃO DE POESIA
3. ALEXANDRE BANHOS	FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, AICL	2.1. A CONSTRUÇÃO DUM MODELO DE LÍNGUA NA GALIZA, NÃO CONFLITUOSO COM CASTELA/ESPANHA; UM SONHO POSSÍVEL OU UM PESADELO? SESSÃO DA AGLP
4. ANABELA SARDO	ESTH /UDI – INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA, AICL	3.1. ENTRE A QUIMERA E A REALIDADE: O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES EM MULHER DE PORTO PIM DE ANTÓNIO TABUCCHI
5. ANTÓNIO CALLIXTO	TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU LUXEMBURGO	PRESENCIAL
6. BRITES ARAÚJO	CONVIDADA, ESCRITORA, GRACIOSA AÇORES, AICL	3.1. O TRAÇO INSULAR EM CECÍLIA MEIRELES SESSÃO DE POESIA ORG
7. CHRYS CHRYSTELLO	AUSTRÁLIA/AÇORES, AICL AGLP	3.1. POESIA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA SESSÃO POESIA ORG
8. CÍCERO V SANTOS	BRASIL, AICL	PRESENCIAL
9. CONCHA ROUSIA	AGLP, GALIZA, AICL	2.1. SESSÃO DAS ACADEMIAS SESSÃO DE POESIA SESSÃO DA AGLP

24º Colóquio da lusofonia AICL; setº 2015 Santa Cruz da Graciosa, Açores

PROGRAMA com sinopses e biodados GRACIOSA 2015

		TEMA 2.7 LÍNGUA MATERNA E PSICOTERAPIA			GUERRE. CONTRIBUTOS PARA A SUA TRADUÇÃO SESSÃO POESIA	
10. FÁTIMA MADRUGA	MÉDICA, HOSPITAL DE V. N GAIA, PORTUGAL	PRESENCIAL		21. LUÍS M. GAIVÃO	UNIVERSIDADE DE COIMBRA, AICL	2.1. O “OUTRO” E A IDENTIDADE ANGOLANA: INCORPORAÇÕES E TRANSCULTURALIDADES NO SUL, SEGUNDO MANUEL RUI
11. FRANCISCO MADRUGA	EDITORA CALENDÁRIO DE LETRAS, V N GAIA, AICL	PRESENCIAL/MOSTRA DE LIVROS				
12. HELENA CHRYSTELLO	EBI MAIA, AÇORES, AICL	ORG		22. Mª DA CONCEIÇÃO CASTELEIRO	LISBOA, PORTUGAL AICL	PRESENCIAL
13. JOÃO MALACA CASTELEIRO	ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL), AICL, AGLP	SESSÃO DAS ACADEMIAS RIQUEZA CULTURAL E SOBRIEDADE ESTILÍSTICA NOS ADÁGIOS POPULARES E NAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS		23. Mª DO SOCORRO PESSOA	BRASIL, LEIP – UNIVERSIDADE DE AVEIRO, AICL	2.5. POLÍTICAS DIDÁTICO-LINGUÍSTICAS PARA DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA
14. JOÃO MARTA	BRASIL, AICL	PRESENCIAL		24. Mª HELENA ANÇÃ	UNIVERSIDADE DE AVEIRO, AICL	2.5. A DISCIPLINA DE PORTUGUÊS NO ÂMBITO DO NOVO CURRÍCULO DO ENSINO SECUNDÁRIO GERAL EM TIMOR-LESTE
15. JOÃO PAULO CONSTÂNCIA	INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA	PRESENCIAL				
16. JOHN BAKER	UNIVERSIDADE PITTSBURGH PENSILVÂNIA, EUA	PRESENCIAL		25. Mª ZÉLIA BORGES	UNIVERSIDADE MACKENZIE S PAULO, BRASIL, AICL	2.7. INHOTIM – ESPAÇO LUSÓFONO, MAS TAMBÉM BILÍNGUE.
17. JOSÉ PAZ	AGLP, GALIZA	3.1. CECÍLIA MEIRELES, ADMIRADORA DE ROBINDRONATH TAGORE SESSÃO DA AGLP		26. MARISA MENDONÇA	DIRETORA EXECUTIVA DO IILP CPLP	ILP: POR UMA VISÃO E GESTÃO PLURICÊNTRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA - SESSÃO DAS ACADEMIAS
18. JOSÉ SOARES	S MIGUEL, AÇORES, CANADÁ, AICL	PRESENCIAL ORG		27. MIGUEL JUBÉ	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, UFG/CNPQ, BRASIL	PRESENCIAL PREMIADO AICL 2014 POEMAS DE MINIMEMÓRIAS 3.1 RECOLHIMENTO DA MATÉRIA E RESTAURAÇÃO DA MEMÓRIA NA POESIA DE EMANUEL FÉLIX
19. KATHARINE F BAKER	UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH PENSILVÂNIA, EUA	4. A GRACIOSA ILHA” (“GRACIOSA, THE GRACIOUS ISLAND”) DE VICTOR RUI DORES		28. MIGUEL LOPES	EB 2,3 MAIA S MIGUEL AÇORES	PRESENCIAL
20. LUCIANO PEREIRA	E.S.E.- IP SETÚBAL, AICL	3.1.1. VITORINO NEMÉSIO: POÈME DRAMATIQUE AU SOLDAT PORTUGAIS INCONNU MORT À LA		29. NORBERTO ÁVILA	ESCRITOR, TERCEIRA, AÇORES, AICL	PRESENCIAL

24º Colóquio da lusofonia AICL; setº 2015 Santa Cruz da Graciosa, Açores

PROGRAMA com sinopses e biodados GRACIOSA 2015

30. OLINDA G KONRAD	PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL	PRESENCIAL
31. PERPÉtua SANTOS SILVA	CIES/ISCTE-IUL, IP SANTARÉM, AICL	2.1. A LÍNGUA PORTUGUESA COMO MARCADOR NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NO CONTEXTO MULTICULTURAL DE MACAU ORG
32. ROLF KEMMLER	UTAD VILA REAL, ALEMANHA, AICL	3.3 OS AÇORES VISTOS POR UM AÇORIANO NA DIÁSPORA: A TRIP TO THE AZORES OR WESTERN ISLANDS (1867) DE MANUEL BORGES DE FREITAS HENRIQUES (1827-1873) ORG
33. SANDRA PROSDÓCIMO	GIRA TEATRO, SANTA CATARINA, BRASIL	PRESENCIAL
34. SANTA INÊZE SOARES	AICL, INSTITUTO CULTURAL DE PORTO ALEGRE, RS, BRASIL,	SESSÕES DE TEATRO
35. SUSANA TELES MARGARIDO	ESCRITORA S MIGUEL, AÇORES / AICL	PRESENCIAL
36. VALTER HUGO MÃE	ANGOLA, CONVIDADO AICL,	3.1. SAHAR, A RAPARIGA DO VÉU SESSÃO DE POESIA
37. VICTOR RUI DORES	CONVIDADO AICL, ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL DE ARRIAGA, HORTA, AÇORES	TEMA LIVRE
38. D. XIMENES BELO	TIMOR-LESTE, CONVIDADO AICL,	1.1. DA MINHA GRACIOSENSIDADE
PARTICIPANTES NAS SESSÕES CULTURAIS		
39. ACIOLINDA ESPÍNOLA	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO, GRACIOSA	3.2. BISPOS AÇORIANOS NO ORIENTE
39. ANA FÉLIX	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÃO DE POESIA

40. ANA PAULA ANDRADE	CONSERVATÓRIO REG. PONTA DELGADA, S MIGUEL AÇORES, AICL	RECITAIS MÚSICA
41. BIANCA SILVA	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
42. BRUNO SILVEIRA	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
43. CAROLINA CONSTÂNCIA	CONSERVATÓRIO REG. PONTA DELGADA, S MIGUEL AÇORES	RECITAIS
44. DANIELA BETTENCOURT	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
45. EULÁLIA FREITAS	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
46. FÁBIO MENDES	EBS GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA ORG LOCAL
47. FÁTIMA ÁVILA	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
48. FERNANDO RUI AGUIAR	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
49. FILIPE FÉLIX	ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
50. FRANCISCO LOBÃO	TEATRO NACIONAL S. CARLOS, LISBOA GRACIOSA	RECITAIS MÚSICA
51. GRUPO FOLCLÓRICO GUADALUPE	GUADALUPE, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
52. JOÃO NATAL BETTENCOURT	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
53. JOANA MELO	ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
54. JORGE CUNHA	DIRETOR MUSEU GRACIOSA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	ORG SESSÕES DE TEATRO
55. JOSÉ GABRIEL MARTINS	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO, GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
56. LURDES CUNHA	EBS GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO E APOIO NOS PASSEIOS
57. LÚCIA AGUIAR	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO

58. MANUEL OSVALDO	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
59. MARINA SILVA	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO
60. PAULA SANTOS	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
61. SUSANA SILVA	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
62. TATIANA SILVA	CORO DE CÂMARA MUS&CANTO GRACIOSA	SESSÕES DE MÚSICA
63. TONI SILVEIRA	TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA	SESSÕES DE TEATRO

NÃO INSCRITOS A ASSISTIREM

64. ANTÓNIO MAGALHÃES	GRACIOSA	ASSISTENTE
65. LÍBIA SILVA	GRACIOSA	ASSISTENTE
66. LUÍSA LOBÃO	GRACIOSA	ASSISTENTE
67. LURDES MAGALHÃES	GRACIOSA	ASSISTENTE
68. MANUEL JORGE LOBÃO	GRACIOSA	ASSISTENTE
69. Mª ALICE SÁ	S MIGUEL AÇORES	ASSISTENTE
70. MERCÊS COELHO	GRACIOSA	ASSISTENTE
71. ZILDA MORAIS	GRACIOSA	ASSISTENTE

MODERADORES

ÁLAMO OLIVEIRA,
CHRYSTELLO,
CONCHA ROUSIA,
HELENA CHRYSTELLO,
LUCIANO PEREIRA,
NORBERTO ÁVILA,
PERPÉTUA SANTOS SILVA,
ROLF KEMMLER

14. HORÁRIO DAS SESSÕES

Entrada gratuita. Sessões abertas ao público. A participação nos passeios, almoços e jantares está reservada aos pré-inscritos até 1 de setembro

[Ver horário aqui](#)

15. TEXTOS FINAIS COM BIODADOS - ORADORES, PRESENCIAIS, CONVIDADOS.

1. ACIOLINDA ESPÍNOLA, GRACIOSA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA. PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

2. AFONSO TEIXEIRA FILHO, USP, BRASIL



AFONSO TEIXEIRA FILHO, Brasileiro, casado, 54 anos.

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e pós-doutorando em Teoria da Tradução pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Defendeu Tese de doutoramento sobre a obra *Finnegans Wake* de James Joyce. É tradutor profissional, tendo exercido até há pouco, pesquisa sobre as traduções para o português do poema de John Milton, *Paraíso perdido*, na Katholieke Universiteit de Leuven (Lovaina), Bélgica.

Paralelamente, realiza pesquisa em Filologia Românica, sobre o romance ibérico, com atenção especial para

É SÓCIO DA AICL. JÁ PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO, GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO, 22º SEIA 2014

TEMA 3.1 O Anfitrião de Norberto Ávila, AFONSO TEIXEIRA FILHO

Um dos temas mais recorrentes da literatura universal é o *Amphitruo* de Plauto. Ainda que Jean Giradoux tenha dado à sua versão da comédia plautina o título de *Amphitryon 38*, aludindo ao número de vezes que a comédia fora reescrita, é bem provável que contasse ela com um número maior de versões. As mais conhecidas são as de Camões, Molière e Von Kleist.

Em português temos, além do *Auto dos Enfatriões* de Camões (1587), *Júpiter e Alcmena*, de António José da Silva, o *Judeu* (1736), *Um deus dormiu lá em casa*, do brasileiro Guilherme de Figueiredo (1949) e *Anfitrião outra vez*, de Augusto Abelaira (1980). Há, contudo, uma versão mais recente, escrita pelo açoriano Norberto Ávila, *Uma nuvem sobre a cama* (1990), atenta mais ao texto de Plauto do que as outras versões em português. Se estas se concentravam mais na comicidade das circunstâncias, a comédia de Ávila envolve-se mais com o cômico das personagens.

Para este XXIV Colóquio da Lusofonia, pretendemos mostrar os aspectos que diferenciam o Anfitrião de Norberto Ávila dos outros Anfitriões e a relevância dessa nova versão para o teatro cômico contemporâneo em língua portuguesa.

3. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR, TERCEIRA, AÇORES



ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do) ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do) nasceu na Freguesia do Raminho – Ilha Terceira, Açores –, em 1945.

Depois dos estudos no Seminário de Angra, foi funcionário em diversos departamentos governamentais ligados à Cultura.

Como escritor, tem 36 livros publicados com poesia, romance, conto, teatro e ensaio.

Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa, em Portugal e no estrangeiro.

Tem poesia e prosa traduzidas para Inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês.

O seu romance *Já não gosto de chocolates* foi traduzido e publicado nos Estados Unidos da América e no Japão. Até Hoje, *memórias de cão* (3ª edição) recebeu o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal, em 1985; *Solidão da Casa do Regalo* (teatro) recebeu o prémio «Almeida Garrett», em 1999.

Em abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa – sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das Artes Plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insígnia Autónoma de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

Poesia

A Minha Mão Aberta (opúsculo), 1968

Pão Verde, 1971 (esgotado)

Poemas de(s)Amor, 1973 (esgotado)

Fábulas, 1974 (esgotado)

Os Quinze Misteriosos Mistérios, 1976 (esgotado)

Cantar o Corpo, 1979 (esgotado)

Eu Fui ao Pico Piquei-me, 1980 (esgotado)

Itinerário das Gaivotas, 1982 – ed. DRAC (esgotado)

Nem Mais Amor que Fogo (em parceria com Emanuel Jorge Botelho), 1983

Triste Vida Leva a Garça (Antologia 1967/81), 1984 – ed. Ulmeiro

Textos Inocentes, 1986 (esgotado)

Erva-Azeda, 1987 (esgotado)

Impressões de Boca, 1992 – ed. DRAC (esgotado)

António, Porta-te como uma Flor, 1998 – ed. Salamandra

Memórias de Ilha em Sonhos de História (poemas sobre aquarelas de Álvaro Mendes), 2000

Cantigas do Fogo e da Água (quadrados sobre aquarelas de Álvaro Mendes), 2001

Andanças de Pedra e Cal 2010

Teatro

Um Quixote – 2ª edição, 1974 (esgotado)

Morte ou Vida do Poeta, 1974 (esgotado)

Manuel, Seis Vezes Pensei em Ti, 2ª edição, 1994 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Uma Hortênsia para Brianda, 1981 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Sabeis quem É este João? 1984 – Sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Missa Terra Lavrada, 1984 – ed. DRAC (esgotado)

Os Sonhos do Infante, 2ª edição, 1995 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Morte que Mataste Lira (musical com Carlos Alberto Moniz) – ed. CD, 1999

A Solidão da Casa do Regalo e Almeida Garrett-Ninguém, 2000 – ed. Salamandra

Quatro Prisões Debaixo de Armas e o Quadrado, 2012. Ed. Autor.

Romance

Burra Preta com uma Lágrima – 2ª edição, 1995 – ed. Salamandra

Até Hoje Memórias de Cão, 1986 – ed. Ulmeiro; 1988 – ed. Signo; 2003 – ed. Salamandra

Pátio d'Alfândega Meia-Noite, 1992 – ed. Vega

Já não Gosto de Chocolates, 1999 – ed. Salamandra;

Já não Gosto de Chocolates, versão inglesa, 2006, ed. Portuguese Heritage Publications of California, Inc.

Já não Gosto de Chocolates, Versão japonesa, 2008 – ed. Random House Kodansha

CONTO

Contos com Desconto, 1991 – ed. Instituto Açoriano de Cultura (esgotado)

Com Perfume e com Veneno, 1997 – ed. Salamandra

Caneta de Tinta Permanente na Poesia Popular" 2012, homenagem ao cantor popular terceirense Manuel Caetano Dias, mais conhecido por "caneta".

ENSAIO

Almeida Firmino / Poeta dos Açores, 1978 – ed. DRAC (esgotado)

Olá, Pobreza! 1996 – Ed. Jornal de Cultura (esgotado)

ANTOLOGIAS (MAIS RECENTES)

In Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2011

In Antologia (Monolingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras/AICL, VN de Gaia, 2012.

VÍDEOS DO AUTOR

<http://www.veengle.com/s/%C3%81lamo%20Oliveira.html>

<http://www.youtube.com/watch?v=yg5KN9d0IX4>

Ver **CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS Nº 5 em**

http://lusofonias.net/doc_download/762.html

VER VIDEO HOMENAGEM AICL AO AUTOR

1. <http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/video-homenagens/689-video-homenagem-alamo-oliveira.html>
2. <http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/video-homenagens/2027-2015-08-07-49-03.html>

É SÓCIO DA AICL PARTICIPOU NO 18º GALIZA 2012, 19º MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS 2014. TOMA PARTE NA SESSÃO DE POESIA

TEMA 3.1. LEMBRAR MANUEL MACHADO, ESCRITOR AÇORIANO

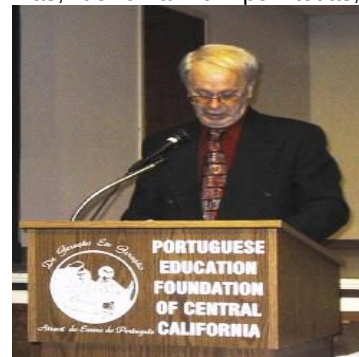
SINOPSE

«Lembrar Manuel Machado» é a sinopse do breve texto que vai ser apresentado no 24º Colóquio da lusofonia.

Escolhi falar de Manuel Machado por vários motivos: foi escritor singular dentro do naipe de escritores açorianos da sua geração; é natural dos Açores; faleceu

recentemente e começou já a entrar no limbo do nosso esquecimento. No entanto, foi escritor profissional segundo as leis da Noruega, tendo justificado, junto do Governo norueguês, o dinheiro que lhe pagava e que ele merecia.

Foi nos Açores que Manuel Machado publicou os seus livros escritos em português. A sua estranheza, perante a indiferença da informação sobre o que publicou nos Açores, levou-o ao estado da conformação à medida que foi entendendo que os seus companheiros de escrita residentes tinham o mesmo tratamento. Conformou-se. Mas, de uma vez por todas, escolheu escrever, definitivamente na Noruega.



4. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO, AGAL/AGLP, GALIZA



Alexandre Banhos Campo nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é Licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid.

É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo.

Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega.

Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa.

É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.

É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego), única Fundação da Galiza onde quase a metade do seu órgão de governo, são portugueses. Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial.

Tem participado em múltiplos encontros e congressos a ver com a língua, em muitos deles como relator. Desde há 40 anos, está comprometido com o ativismo cultural.

Tem publicado centos de artigos sobre todo tipo de temáticas, entre eles os de conteúdo linguístico, e foi colaborador habitual e ocasional (ainda é ocasional) de diversos jornais da Galiza.

É master em Gestom da Formação de Qualidade pola UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pola USC.

Nos anos 2000 a 2005 formou parte da Comissom Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissom, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos. Ocupou também postos de responsabilidade no sindicato CIG.

Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ.

Tem publicado sobre temas de direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social. Além disso anda a trabalhar nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.

Tem publicado trabalhos sobre o tema da configuração política europeia e peninsular.

É SÓCIO DA AICL. PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

TEMA 2.1. A CONSTRUÇÃO DUM MODELO DE LÍNGUA NA GALIZA, NÃO CONFLITUOSO COM CASTELA/ESPANHA; UM SONHO POSSÍVEL OU UM PESADELO? - SESSÃO DA AGLP

A construção dum modelo de língua na Galiza, não conflituoso com Castela/Espanha; um sonho possível ou um pesadelo? Que é um idioma e que são falas? As falas e o fraturamento linguístico do espaço. Fazer das falas línguas

Castela/Espanha gosta das falas na construção do seu projeto nacional.

Construir idiomas não conflituosos com o projeto nacional de Castela/Espanha é um beco sem saída

5. ANA FÉLIX, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

6. ANA PAULA ANDRADE, PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO, CONSERVATÓRIO REGIONAL, PONTA DELGADA, AÇORES /AICL



BRAGANÇA 2009

ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos. Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.^a Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.



BRAGANÇA 2010

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na

Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores. Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional, desempenhando desde 2004 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.



COM A UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Em 2010 foi a pianista convidada dos colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.



COM A UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.

24º Colóquio da lusofonia AICL; setº 2015 Santa Cruz da Graciosa, Açores

PROGRAMA com sinopses e biodados GRACIOSA 2015



IPM (MACAU) 2011

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.



2011 STA Mª

No 17º COLÓQUIO na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL /É SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA-GERAL

Desde 2008 nos colóquios, liderou as performances musicais em BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015



2012 LAGOA

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).



2012 GALIZA

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro.



2013 MAIA



2013 SEIA

DARÁ DOIS RECITAIS COM CAROLINA CONSTÂNCIA NO VIOLINO E COM CARLOS LOBÃO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

7. ANABELA NAIÁ SARDO, ESTH, UDI, IPG, GUARDA, PORTUGAL



Santa Maria 2011



Moinhos 2014

Anabela Oliveira da Naia Sardeira é doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês.

Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG).

Foi, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000, cargo que exerceu até janeiro de 2015.

Faz parte do Conselho Técnico-científico desta Escola desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, Presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012.

É, neste momento, Presidente do Conselho Pedagógico da ESTH/IPG. É membro integrado da UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR (UDI) e faz parte da equipa coordenadora e investigadora do projeto do IPG "Observatório de Turismo da Serra da Estrela", com sede na ESTH/IPG.

É sócia fundadora da AICL - Associação dos Colóquios da Lusofonia. Faz parte da Comissão Científica Permanente desta Associação Internacional desde 2013 (trienio 2013 – 15 e 15 – 17).

Para além da investigação que tem vindo a realizar na área da Literatura Portuguesa, especificamente acerca da obra da escritora Ana Teresa Pereira, também faz pesquisa ao nível da área científica do Turismo, tendo um especial interesse pelo denominado Turismo Cultural.

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL. TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º VILA DO PORTO, 17º LAGOA 2012, 18º GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014 E 22º SEIA 2014

TEMA 3.1 ENTRE A QUIMERA E A REALIDADE: O ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES EM MULHER DE PORTO PIM E OUTRAS HISTÓRIAS DE ANTÓNIO TABUCCHI. ANABELA NAIÁ SARDO, ESTH, UDI, IPG, GUARDA, PORTUGAL



INTRODUÇÃO

No contorno do tema 3. Açorianidades, subtema 3.3. Revisitar a Literatura de Autores Estrangeiros sobre os Açores, propomos trazer à memória o escritor italiano Antonio Tabucchi cuja vida foi literalmente transformada após o 'encontro' com a obra de Fernando Pessoa. Deste facto, nasceu o seu enorme interesse pela cultura e pela literatura portuguesas e uma imensa paixão pelo país no qual passou a viver parte da sua vida. Iremos centrar a nossa atenção em *Mulher de Porto Pim*, obra publicada em 1983, cujo tema central e unificador, das partes que compõem o livro, é o Arquipélago dos Açores. Do mesmo modo, as baleias têm, neste "livro de fronteira", como lhe chamou Enrique Vilas-Matas, um lugar fulcral, desvelando-se, nos textos, não só a admiração do escritor por estes mamíferos, como também a ligação e as analogias dos mesmos com os homens. Ler *Mulher de Porto Pim* é (re)visitar o Arquipélago dos Açores. Na obra, está presente a geomorfologia das ilhas e sente-se o tempo que determina a vida das populações locais. Emergem as atividades, as festas e as procissões, manifestações religiosas e culturais, visceralmente arreigadas à alma da gente açoriana. De forma intensa, perpassam as limitações da vida nas ilhas, a ligação das populações ao mar e o dominante sentimento de insularidade. Num espaço de cerca de cem páginas, num conjunto de aprazíveis textos fragmentários, nos quais a realidade convive com a metáfora, a verdade com a alusão e a imaginação, e tudo, por fim, se transforma em ficção pura, Tabucchi conduz-nos, através de escritos em forma de sonhos (ou serão antes sonhos em forma de escritos?) ao "horizonte quimérico" dos Açores.

8. ANTÓNIO CALLIXTO, ex-TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO, ASSISTENTE PRESENCIAL



ANTÓNIO CALLIXTO

- Tradutor e revisor (técnico e literário) de e para várias línguas
- Professor do ensino secundário (inglês e alemão) em Portugal e de português na Alemanha
- Leitor de português no estrangeiro (Polónia e Finlândia)
- Colaboração num dicionário polaco-português
- Chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu (Luxemburgo), de 1986 a 2012
- Participação em vários seminários e congressos internacionais sobre temática linguística
- Membro de vários júris de concursos para recrutamento de tradutores para as instituições da União Europeia
- Estudioso e entusiasta de várias línguas. Português língua materna. Conhecimentos de inglês, francês, alemão, italiano, espanhol, polaco, neerlandês, finlandês, sueco, romeno, árabe, luxemburguês, russo, checo, alguns crioulos, etc.

TOMOU PARTE NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE/IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA

9. BIANCA SILVA, Coro de Câmara MUS&CANTO + Ensino Artístico EBS Graciosa, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

10. BRITES ARAÚJO, ESCRITORA, GRACIOSA, AÇORES, AICL



MAIA 2013



MOINHOS 2014

Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micalense e mãe terceirense. Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.

Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na Ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-Graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas. Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador.



MOINHOS 2014



SÓCIO DA AICL, ESTEVE PRESENTE NO 21º COLÓQUIO, MOINHOS 2014. PARTICIPA NAS SESSÕES DE POESIA E FAZ PARTE DA ORGANIZAÇÃO

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM
http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07/doc_download/1939-.html
VER VÍDEO HOMENAGEM DA AICL EM
<http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/video-homenagens/2019-2015-08-07-22-56-25.html>

TEMA 3.1.3. O Traço Insular Em Cecília Meireles – POR BRITES ARAÚJO

Nascida, como se sabe, no Brasil, numa geografia que se foi fazendo do litoral para o interior e onde o traço continental moldou História e imaginário, Cecília Meireles deixou-nos, surpreendentemente (ou talvez não), uma obra poética fortemente marcada pelo mar e por uma mundividência em muitos aspetos insular. Conhecidas as suas raízes açorianas e os laços que manteve com poetas e escritores destas ilhas (só a troca epistolar com Armando Côrtes-Rodrigues ascende a 180 cartas), facilmente se tendeu a encontrar nessas raízes e nesses laços ecos de uma *açorianidade* que, pese embora nos faça honra, não é de todo consensual, ou tão pouco legitimada pela consanguinidade que mantemos com a escritora carioca. Já em 1947, ou seja, 15 anos após o célebre texto em que Nemésio usa, pela primeira vez, a palavra *açorianidade*, o Dr. Ruy Galvão de Carvalho não resistiu a associá-la à poesia cecilianiana, num artigo publicado no XXXIII vol. da revista *Ocidente*, a que deu o título de “A *açorianidade* na poesia de Cecília Meireles”.

11. BRUNO SILVEIRA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

12. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO



ANA CAROLINA CONSTÂNCIA – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993. Desde os seis anos de idade que estuda Violino no Conservatório Regional de



Ponta Delgada, iniciando os estudos com a professora Antonella Pincenna. No curso básico de Violino ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, onde concluiu o 8º grau do curso complementar. Foi selecionada para participar nos três estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011) e participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena. Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig. Frequenta a licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências do Porto, mantendo uma prática regular do Violino.



GALIZA 2012

TOMOU PARTE EM 2008 NA LAGOA, BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO 2011, OURENSE (GALIZA) 2012, SEIA 2013, SEIA 2014 E FUNDÃO 2015. ATUARÁ NOS DOIS RECITAIS.

13. CHRYS CHRYSTELLO, AICL/AGLP / UTS, SYDNEY/ NAATI, CANBERRA, AUSTRÁLIA

Chrys CHRYSTELLO (n. 1949-) é um cidadão australiano que acredita em multiculturalismo, numa família mesclada de Alemão, Galego-Português e Brasileiro paterno, Português e marrano materno.



BRAGANÇA 2008



MACAU 2011



Publicou o seu primeiro livro “Crónicas do Quotidiano Inútil” (poesia) em 1972).

O exército colonial português levou-o a Timor (1973-75) onde foi Editor-chefe do Jornal A Voz de Timor, antes de ir à Austrália adotá-la como pátria.

Dedicou-se ao jornalismo (rádio, TV e imprensa) desde 1967 e escreveu sobre o drama de Timor-Leste (1975-06). Desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau (1976-82).

Foi Redator, Apresentador e Produtor para a TDM e RTP (Rádio Macau) e TVB - Hong Kong. Depois, em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política

multicultural. Foi Jornalista no Ministº Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Foi Tradutor e Intérprete no Ministº da Imigração e no de Saúde (NSW).

Divulgou a descoberta na Austrália da chegada dos Portugueses 1521-25, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.



POESIA, GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011 MAIA 2013



SEIA 2014

Membro Fundador do AUSIT. Foi membro do júri da NAATI, lecionou tradutologia na Universidade UTS, Sydney, sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI). Foi Assessor de Literatura Portuguesa, Australia Council (1999-05).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012). Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012) Deptº de Traduções.

Foi Consultor do Programa REMA da Univ. dos Açores. (2008-12).

Proferiu uma Palestra na Academia Brasileira de Letras em março 2010 com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, organizada pelo então Presidente da ABL, Marcos Vilaça. Em out.º 2012 foi admitido como **Académico Correspondente** da Academia Galega AGLP.



RIO 2010

SÓCIO FUNDADOR DA AICL E AGLP, PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.

TEMA 3.1 AÇORIANIDADES – POESIA AÇORIANA CONTEMPORÂNEA

A música tradicional açoriana tem a sua génese nos primeiros povoadores, na sua maioria portugueses, que trouxeram consigo os seus costumes e as suas trovas. A poesia açoriana é, desde esse início, muito mais marcada pela natureza, ou seja, tem ligação ao meio-ambiente. ... Esses agentes diferenciais inseridos na Poesia Açoriana revelam a verdadeira face do ilhéu, tão singular em cada uma das nove Ilhas. Alguns dos mais representativos poetas açorianos fazem parte do acervo cultural da Língua e Literaturas lusófonas. A Poesia Açoriana contemporânea, além das características que lhe conferem o estatuto de “poesia insular”, é um labirinto. É quase impossível entender uma obra como a de Roberto Mesquita ou Pedro da Silveira sem conhecer, ao menos de vista, o meio físico natural (a paisagem, desde logo) onde essas obras foram pensadas e escritas. Os vulcões e terremotos vividos e às vezes vencidos, a emigração do seu povo, a solidão atlântica de cada ilha, a frequência com que esses sentimentos de insularidade, de separação e partida, se manifestam, modelam a açórica idiossincrasia. Em muitos poemas notam-se marcas da emigração, da insularidade e rumores da açorianidade que é a alma do ser açoriano, que emerge na sua obra artística e se revela no seu ser. Exprime a génese de um ser açoriano que, sujeito a condicionantes de ordem geográfica, ao vulcanismo, terramotos, e à “insularidade”, criou respostas às suas ambições e combateu as adversidades que lhe foram criadas. Espelha também as suas manifestações culturais e religiosas populares, a sua idiossincrasia, e os falares tão distintos de ilha para ilha, tudo isso conferindo-lhe uma verdadeira identidade açoriana. É na voz destes autores que vos lego a minha interpretação da sua açorianidade.

14. CÍCERO V. SANTOS, S. PAULO, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL



É SÓCIO DA AICL. TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS NA RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, EM BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008 E 2009, BRASIL 2010, MACAU 2011, VILA DO PORTO 2011, LAGOA 2012, GALIZA 2012, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

15. CONCHA ROUSIA, AGLPIAICL, GALIZA



LAGOA 2009

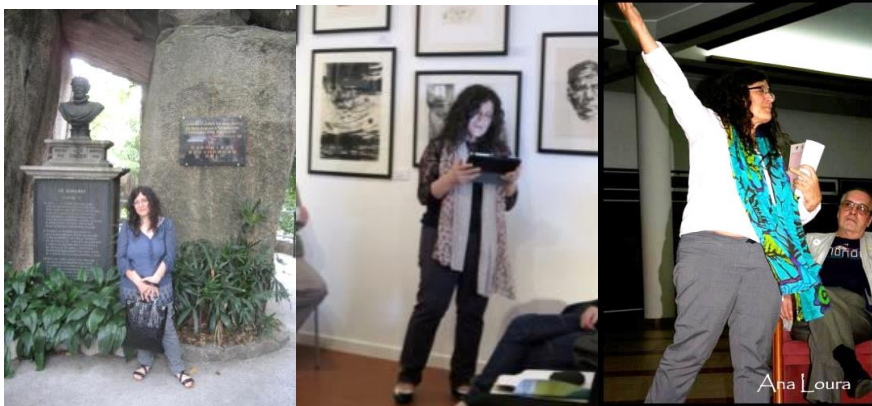
PDL 2013

CONCHA ROUSIA (CONCHA Rodríguez PÉREZ), Nascida no sul da Galiza (Os Brancos, Galiza) Psicoterapeuta e escritora. Vice-secretária da Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da mesma em 2008. Membro fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Membro da Associação Galega da Língua desde 2004. Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza. Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição.

PUBLICAÇÕES:

- **Nântia e a Cabrita d'Ouro**, Romance publicado em 2012, Através editora, Santiago de Compostela, Galiza.
- **As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline (www.arcosonline.com), Arcos de Valdevez, Portugal.
- **"Dez x Dez"** 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).
- **"Cem Vaga-lumes"** Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.
- **Herança**, Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.
- **Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.
- **Nas Águas do Verso**. Antologia. 2008, Porto, Portugal.
- Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado. 2008, Gráficas Juvia.
- **Poeta, Mostra a tua Cara**. Antologia. 2008, Rio Grande do Sul, Brasil.
- **Mulheres**. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza.
- IV Antologia de poesia lusófona. 2012. Folheto, Leiria, Portugal.
- Volume 7 da Coleção **"Poesia do Brasil"**, correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.
- **Escrever nas Margens**. Antologia poética. 2014, 28 Festival da Poesia do Condado. SCD Condado, Galiza.
- **150 Poemas para Rosalia**. Antologia poética. 2015, Galiza.
- Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce; e em jornais como o Novas da Galiza, Galicia Hoxe, A Nosa Terra, Portal Galego da Língua, Vieiros, e em brasileiras como Momento Lítero Cultural, e na Revista portuguesa InComunidade.
- **Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita**, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.
- **Um dia**, Publicado em A Nossa Terra; 2006. Uma análise da violência de género.
- **Mudança de Narrativa Linguística**, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008.
- **Mudança de Narrativa Linguística I: análise de discursos, Coloquios da Lusofonia**, 2010
- **PRÉMIOS**

- • Prémio de Narrativa do Concelho de **Marim**, 2004, Galiza.
- • Prémio de poesia do Concelho **Ames**, 2005, Galiza.
- • Ganhadora do **Certame Literário Feminista do Condado**, 2006, Galiza. Com o romance "A Língua de Joana C"
- - Administradora do blogue 'República da Rousia': republicadarousia.blogspot.com
- Em março de 2010 fez parte da Comitativa Oficial do 13º Colóquio da lusofonia, à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma Palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa.
- Em 2011 fez parte da Comitativa Oficial do 15º Colóquio a Macau.
- Foi nomeada Patrona da AICL em representação da AGLP no 16º Colóquio, Out.º 2011.



Gruta de Camões MACAU 2011

LAGOA 2012 STA MARIA 2011

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESENTE LAGOA 2008, BRAGANÇA E LAGOA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013, SEIA E FUNDÃO 2014

TEMA 2.7 A LÍNGUA MATERNA E PSICOTERAPIA: USANDO MAIS DE UMA LÍNGUA EM PSICOTERAPIA COM FAMÍLIAS BILÍNGUES

A língua é um recurso de comunicação e não só com um grande poder nos processos de tratamento psicológico. A psicoterapia é com grande diferença mais efetiva, até duas vezes mais segundo a maioria dos estudos realizados sobre o tema, quando esta é levada a cabo usando a Língua materna da pessoa em tratamento

psicológico. Por tanto a língua na que se realizam os tratamentos psicoterapêuticos é uma variável essencial do tratamento; e mais ainda no mundo atual tendente a famílias multilingues. O bilinguismo, tanto de indivíduos quanto de famílias é uma realidade a cada vez mais comum e mais estendida, e é portanto uma realidade que o profissional da psicoterapia não pode ignorar.

Porém este fato não tem aumentado muito o interesse nem a atenção dos profissionais da psicoterapia, mas sendo conscientes da importância da aquisição da linguagem para o desenvolvimento da identidade das pessoas, o psicoterapeuta deveria entender os diferentes tipos de bilinguismo e como estes podem afetar ao processo terapêutico. Devemos tomar em grande consideração a carga emocional associada com o uso da língua materna e com o uso das línguas adquiridas com posterioridade. É importante considerar a mudança de língua no curso do tratamento como uma ferramenta terapêutica.

16. DANIELA BETTENCOURT, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

17. EULÁLIA FREITAS, Coro de Câmara Mus&Canto + Ensino Artístico EBS Graciosa, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

18. FÁBIO MENDES, PROFESSOR EBS GRACIOSA, COORDENADOR DAS SESSÕES DE MÚSICA DE COMPONENTE LOCAL



Natural da Ilha Graciosa, iniciou os seus estudos de Piano na Academia Musical da Ilha Graciosa na classe de Nizalda Barcelos e, posteriormente, de Olga Gorobets. Prosseguiu estudos no Conservatório Regional de Ponta Delgada na classe de piano de Daniela Ignazzitto e de Nataliya Atamas. Simultaneamente concluiu a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas na Universidade dos Açores (2004). Dedicou-se plenamente à atividade musical desde 2005 nomeadamente na sua vertente pedagógica, tendo lecionado em várias escolas dos Açores, Alentejo e norte de Portugal

Continental. Frequentou vários cursos de aperfeiçoamento com pianistas como Sequeira Costa, Luís Pipa, Filipe Pinto-Ribeiro, Eldar Nebolsin, Paulo Pacheco, entre outros.

Participou no Concurso Galego-Português de Piano (Vigo, 2006) e no Concurso Internacional de Música de Câmara de Alcobaça (2010). Gravou várias vezes para a RTP-Açores e RDP Antena 2. Apresenta-se regularmente em recitais desde 2003.

Terminou em 2008 a licenciatura em Piano na Universidade de Évora na classe de Piano de Elizabeth Allen e em 2011 o Mestrado com a Tese *O Piano na Graciosa: práticas musicais durante a I República*, tendo sido orientado por Vanda de Sá e Pedro Burmester.

19. FÁTIMA ÁVILA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

20. FÁTIMA MADRUGA MÉDICA HOSPITAL V. N. DE GAIA PRESENCIAL



MOINHOS

vila do porto 2011

TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARI, NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO E 23º FUNDÃO

21. FERNANDO RUI AGUIAR, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

22. FILIPE FÉLIX, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

23. FRANCISCO LOBÃO, TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS, LISBOA / GRACIOSA

Francisco Manuel da Silva Gil Lobão nasceu em Santa Cruz da Graciosa, em 19 de Setembro de 1958.

Último dos filhos de Manuel Gil Correia Lobão e de Francisca Silva Lobão, amantes da música, embora já não executantes habituais à data da sua infância e juventude,

cresceu num ambiente em que a cultura musical fazia parte do quotidiano, deliciando-se entre os sons que o pai tirava do bandolim e bandola na sala grande, com vista para o mar, e as então já raras incursões da mãe no piano, que marcava presença numa outra sala, conhecida familiarmente por “quarto de costura”. Nela e junto ao piano estava uma estante carregada de pautas musicais que já o fascinavam na busca de decifrar os sons que aqueles sinais das notas musicais queriam reproduzir.

Em muitas tardes, entre brincadeiras e lazes, acompanhou o pai na audição dos discos de música clássica, que ele colecionava e ouvia com frequência.

Talvez este ambiente tenha levado a que, sempre mostrasse grande interesse pela música, em especial o canto, treinando inúmeras vezes a sua voz de criança em músicas do então famoso “Joselito”, muito em especial a interpretação da “Campanera”, uma canção muito em voga naquele período, divulgada largamente através do cinema.

Foi um menino dócil, travesso e irrequieto, a quem era permitida uma liberdade criativa, que exprimia através das cantigas e teatros que improvisava, animando com a sua alegria o tolerante ambiente familiar.

Enquanto permaneceu na Graciosa integrou o conjunto musical do Graciosa Futebol Clube, repartindo-se entre a bateria e o canto.

Estudou até ao 9º ano na escola básica e secundária da Graciosa tendo seguidamente ido frequentar o ensino secundário no liceu nacional de Ponta Delgada em S. Miguel.



Aí iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada, integrou grupos corais, nomeadamente o coro da Igreja de São José, partilhando o seu tempo com as tarefas de estudante do secundário e, depois, com tarefas avulsas de trabalhos variados e provisórios que lhe iam surgindo. Era também assíduo frequentador em ambientes noturnos onde surgiam “caldos” de iniciativas musicais a que ele emprestava a voz, razão porque o seu nome é referente naquela geração.

A sua grande paixão era mesmo a música, afirmando querer fazer do canto lírico a sua profissão, o que no tempo, parecia um futuro extravagante e inseguro. A família, via com preocupação a inabalável convicção, apoiando-o, sem nunca lhe rejeitar a vocação.



Um dia zarpou para Lisboa em busca do coração da música, o Teatro Nacional de São Carlos, o seu grande sonho por ser o expoente nacional da música lírica. Na capital, as oportunidades foram aparecendo e o “Chico” Lobão, como por cá é conhecido, não deixou de as agarrar e alcançar.

Apresentou-se a uma audiência onde eram selecionadas vozes de valor e foi selecionado para integrar o coro do teatro, a mais prestigiada instituição do canto lírico, onde se mantém como membro efetivo até à atualidade. Para conseguir os seus objetivos, aperfeiçoou conhecimentos e os dotes de tenor. Foi convidado para trabalhar técnica vocal com o professor Cortez Medina e participou em festivais de verão, tendo sido cantor convidado no Festival Maré de Agosto que se realiza nos Açores. Foi finalista do Concurso de Canto Juventude Musical Portuguesa e participou no Concurso Internacional Luísa Todí. Frequentou as Masters Classes da Cantora Iliana Cotrubas e do Tenor Alfredo Krauss, assim como, os cursos ministrados pelo professor catedrático e pedagogo Helmut Lips.

Está sempre disponível para cantar, pelo que fora do teatro São Carlos, integra um agrupamento, “Bel Canto Latino” que anima musicalmente diversos eventos recreativos e sociais. O Chico Lobão é, na Graciosa, conhecido de inúmeras pessoas pois revela uma grande capacidade de relacionamento, aliada a um temperamento aberto, afável e sereno. Busca a ilha durante o verão, pelo menos, de dois em dois anos procurando incutir na mulher e filhos a estima pela ilha que o viu nascer e que ele tanto ama. Os graciosenses já tiveram oportunidade de apreciar os dotes vocais deste cantor em diversos eventos, de que destacamos, o festival de música do Monte d’Ajuda, onde foi acompanhado ao piano por Mário Laginha; na festa dos 25 anos do Museu da Graciosa; num Baile à Moda Antiga na Filarmónica Recreio dos Artistas onde trouxe um repertório

de tangos e milongas; num espetáculo de homenagem a Joaquim Costa que ele considera uma das mais fantásticas vozes açorianas.

A persistência do Francisco Lobão na busca da vida que sempre desejou, conseguindo vencer os entraves que as distâncias e as mentalidades então no caminho colocavam, pode servir de exemplo aos jovens da nossa ilha que agora iniciam o seu percurso de vida. *(Dados biográficos da rádio graciosa)*

DARÁ RECITAL COM ANA PAULA ANDRADE AO PIANO E CAROLINA CONSTÂNCIA AO VIOLINO

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

24. FRANCISCO MADRUGA, DIRETOR. EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS, ASSISTENTE PRESENCIAL



PDL 2013

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho.

Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal *norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal *A Voz do Nordeste*. Teve colaboração regular nos Jornais *Nordeste*, *Mensageiro de Bragança* e *Informativo*. Editou em colaboração com a Revista *BITÓRÓ* a Antologia *Novos Tempos Velhas Culturas*. Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau.

A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de

autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).

É o editor da Antologia (monolingue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Inglês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras.

Editou os dois últimos volumes de J. Chrys Chrystello "CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL" (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e Crónica Açores: uma circum-navegação - vol. 2 (2011)



Macau 2011



FLORIPA 2010

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. /PRESIDE AO CONSELHO FISCAL. TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E BRAGANÇA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS 2014, SEIA E FUNDÃO 2014.

25. GRUPO FOLCLÓRICO DE GUADALUPE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

26. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & VICE-PRESIDENTE DA AICL



SEIA 2014



MAIA 2013

HELENA CHRYSTELLO, Vice-Presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos colóquios desde o primeiro Colóquio da lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões. Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e Mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso pela Universidade Aberta. Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional. Lecionou, desde 1976/1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional).



MOINHOS, PORTO FORMOSO 2014



PDL 2013

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002/2005) e supervisora de estágios. Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).



STA. MARIA 2011

2013 (GOUVEIA NA CADEIRA DE VERGÍLIO FERREIRA)

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em Atas e revistas científicas da especialidade. É Membro da ACT/CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa). Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009 e do 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – JUDITE JORGE. Coautora com a Professora Doutora Mª Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia De (17) Autores Açorianos Contemporâneos

incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º Colóquio. Lançou no 19º Colóquio (2013) a edição monolíngue da Antologia em dois volumes. No 21º lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino "9 Ilhas, 9 escritoras" Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO, TOMOU PARTE EM TODOS OS 23 COLÓQUIOS. LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. MODERA SESSÕES

27. JOANA MELO, **ENSINO ARTÍSTICO EBS GRACIOSA, SESSÕES DE MÚSICA**

28. JOÃO MALACA CASTELEIRO, **ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL) / AICL, PATRONO DESDE 2007**



MACAU 2011

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos Projetos de Investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

É Professor Convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 Presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de Mestrado.

Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A sua bibliografia, iniciada com a Tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África* e *A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*.

Foi o coordenador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais: Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como Português Fundamental, Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo, o Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo ou o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento. Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos. O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do Governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998. A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado ACADEMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.



SEIA 2013

MOINHOS 2014

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL, TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007 EM BRAGANÇA.



MAIA 2013

INTERVÉM NA SESSÃO DAS ACADEMIAS COM O TEMA Riqueza cultural e sobriedade estilística nos adágios populares e nas expressões idiomáticas

29. JOÃO MARTA, ASSISTENTE PRESENCIAL



É SÓCIO DA AICL. TOMOU PARTE
PELA 1ª VEZ NO 22º COLÓQUIO EM SEIA 2014

**30. JOÃO NATAL BETTENCOURT, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA,
PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

**31. JOÃO PAULO ALVÃO SERRA DE MEDEIROS CONSTÂNCIA, UNIVERSIDADE DOS
AÇORES, DIRETOR DO MUSEU CARLOS MACHADO, VICE-PRESIDENTE
DA DIREÇÃO DO INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA, VICE-
PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL DA ORDEM DOS BIÓLOGOS,
PRESIDE À COMISSÃO DOS BENS CULTURAIS DA IGREJA, S. MIGUEL, AÇORES,
ASSISTENTE PRESENCIAL**



BRAGANÇA MIRANDA DO DOURO 2007

FUNDÃO 2015

Toma parte nos colóquios desde o 8º em Bragança 2007, tendo estado também em
Seia 2013, e Fundão 2015

**32. JOHN BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA,
ASSISTENTE PRESENCIAL**



TOMOU PARTE NO 17º COLÓQUIO
NA LAGOA 2012, NO 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013 E NO 21º NOS MOINHOS DE
PORTO FORMOSO EM 2014

**33. JORGE ANTÓNIO DE MEDEIROS BORGES E CUNHA, DIRETOR DO
MUSEU DA GRACIOSA E MEMBRO DO TEATRO A SEMENTE, E DA
ORGANIZAÇÃO DO 24º COLÓQUIO**

Nascido em 28-08-1959, Jorge António de Medeiros Borges e Cunha, nasceu na
Horta, na Ilha do Faial, e reside desde criança em Santa Cruz da Graciosa, onde exerce
o cargo de Diretor do Museu da Graciosa.

É Licenciado em História, Pós-Graduado e Mestre em Património, Museologia e
Desenvolvimento pela Universidade dos Açores.

É Técnico Superior da Direção Regional da Cultura.

Há mais de duas décadas que tem tido uma participação ativa na comunidade
graciosense, como sócio-fundador de várias associações de natureza diversa



. Em termos associativos, como dirigente ou colaborador, tem exercido a sua ação nas áreas juvenil, desportiva, sociocultural e recreativa (educação, ambiente, teatro, dança, música tradicional e erudita, coros, filarmónicas, entre outros).

É autor de várias monografias e artigos, apresentou diversos trabalhos e conferências em Portugal e no estrangeiro (Espanha, Bélgica, Estados Unidos da América e Brasil), nas áreas do associativismo juvenil e cultural. Colabora regularmente em revistas, jornais, programas radiofónicos e televisivos sobre assuntos da sua especialidade. No ano de 2006, na V Gala do Desporto Açoriano, foi condecorado pelo Governo Regional dos Açores, na categoria "Personalidades", como dirigente com mais de 20 anos dedicados à causa desportiva.

MEMBRO DA ORGANIZAÇÃO, SERVIRÁ DE GUIA CULTURAL DESTES COLÓQUIO, NO MUSEU, NOS PASSEIOS CULTURAIS E COORDENA AS ATIVIDADES DE TEATRO

34. JOSÉ GABRIEL MARTINS, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, EX-PRESIDENTE DA ACADEMIA MUSICAL DA ILHA GRACIOSA, TOMA PARTE NAS SESSÕES CULTURAIS



AUTOR DO LIVRO E DVD CANTIGAS DA MINHA TERRA

35. JOSÉ PAZ RODRIGUES, (Académico da AGLP e Presidente da ASPGP) GALIZA, ÍNDIA



É Professor de EGB (em excedência desde 1971), Licenciado em Pedagogia e Graduado pela Universidade Complutense de Madrid (1966-

1971) com a Tese de Licenciatura sobre A Bemposta "Cidade dos rapazes" de Ourense (1973).

Conseguiu o Doutoramento na UNED com a Tese "Tagore, pioneiro da nova educação". Entre outras, realizou as seguintes atividades profissionais: Professor na Faculdade de Educação de Ourense (Universidade de Vigo); Professor-Tutor de Pedagogia e Didática no Centro Associado da UNED de Ponte Vedra desde o curso 1973-74 até 2010; Subdiretor da Escola Normal de Ourense do ano académico de 1987-88 ao de 1989-90 e Diretor nos últimos três meses do curso 1989-90. Professor Titular Numerário de Didática, de 1972 a 1990 na Universidade de Santiago de Compostela, e de 1990 a 2010 na Universidade de Vigo (Faculdade de Educação de Ourense).



Desde outubro de 2010 é Professor Reformado da Universidade de Vigo. Levou adiante atividades educativas e de renovação pedagógica: Presidente da Federação Galega de MRPs (Movimentos de Renovação Pedagógica) e do MRP "ASPGP" (Associação Sociopedagógica Galaico-Portuguesa) até hoje: membro da Comissão organizadora do I Congresso Estatal de MRPs (Barcelona, dezembro de 1983); membro da Comissão redatora do Plano Galego de Formação continuada do professorado (1990); Presidente da comissão organizadora da Escola Internacional de verão Jornadas do Ensino de Galiza e Portugal, iniciadas em 1976 até 2007; Presidente da Comissão Organizadora das Escolas de verão na Crunha, Ferrol (desde 1994), Tui-Comarca do Baixo-Minho, Verim-Comarca de Monterrei, Monforte, Corcubión, Lalim, Viança; das Jornadas Socioeducativas de Valdeorras, Riba d'Avia, Celanova, Ponte Vedra; organizador de Ciclos de cinema psicopedagógico, cinema educativo-didático, educativo sobre a paz, educativo sobre as áreas transversais do ensino, educativo sobre os direitos humanos, educativo-ecológico, educativo sobre a mulher, educativo-social, direito e cinema, literatura e cinema.

Organizador de várias edições da Mostra de Recursos Didáticos Alternativos, da Mostra do Livro Português na Galiza, de Encontros de Jogos Populares Galaico-Portugueses; diretor para Galiza da Revista galaico-portuguesa O Ensino; membro do Conselho redatorial das revistas lusófonas Nós e Cadernos do Povo.

No presente pertence ao conselho redatorial da Revista Agália.

Para além disso, foi Decano do Colégio Provincial de Doutores e Licenciados de Ourense (1980-1985); diretivo do Cine Clube “Padre Feijóo” de Ourense (1972-1995); e vogal da Federação Galega de Cine Clubes.

Tem publicado: *A festa dos maios na escola* (1991), Ourense, ASPGP. Artigos sobre temas educativos e sobre Tagore, nas revistas O Ensino, Nós, Cadernos do Povo, Vida Escolar, Comunidad Educativa, Padres y Maestros, BILE, Agália, Temas de O ensino, The Visva-Bharati Quarterly, Visva-Bharati Potrika e Jignasa (em bengali), Artigos sobre tema cultural, nomeadamente sobre a Índia, no Portal Galego da Língua, A Nosa Terra, La Región, El Correo Gallego, A Peneira, Semanário Minho, Faro de Vigo, Teima, Tempos Novos, Bisbarra, Ourense.

Unidades didáticas sobre Os magustos, Os Direitos Humanos, A Paz, O Entroido, As árvores, Os Maios, A Mulher, O Meio-ambiente; Rodrigues Lapa, Celso Emílio Ferreira, Carvalho Calero, São Bernardo e o Cister em Ourense, em condição de coordenador do Seminário Permanente de Desenho Curricular dos MRPs ASPGP e APJEGP.

Nota: reside de outubro a abril na Santiniketon de Tagore, na Bengala indiana, e de maio a setembro na sua cidade de Ourense, na Galiza.

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ

TEMA 3.1. “CECÍLIA MEIRELES, ADMIRADORA DE ROBINDRONATH TAGORE”, José PAZ RODRIGUES (Académico da AGLP e Presidente da ASPGP)

Cecília Meireles (1901-1964) foi criada pela sua avó materna Jacinta, oriunda das Ilhas Açores. Esta grande poeta e educadora brasileira é sem dúvida alguma a maior tagoreana do Brasil, e ademais de admirar a Tagore também admirava a Gandhi.

Em 1953, participou em Nova Deli, convidada pelo Governo indiano presidido por Nehru, num congresso internacional dedicado a Gandhi, e recebeu a nomeação de *Doutora Honoris Causa* pela Universidade de Nova Deli, com 52 anos de idade.

Estando no grande país asiático de 1 de janeiro a 6 de março desse ano, visitando também Goa. A gestão de Cecília Meireles foi fundamental para que se organizassem representações teatrais tagoreanas e homenagens e exposições dedicadas a Robindronath. Com tradução da própria Cecília, no mês de maio de 1949, foi representada no Teatro Municipal de Rio de Janeiro a obra *O carteiro do rei* (*The Post Office / Dakghor*). Para lembrar o centenário do nascimento de Tagore, o 7 de maio de 1961, num número especial do Jornal do Brasil, baixo a epígrafe “*Da Índia distante*”, escreveu o artigo titulado “*Homenagem a Rabindranath Tagore*”. Já em 1962, para celebrar o centenário de Tagore, pela sua proposta, de forma cooperativa entre o Ministério da Educação e Cultura brasileiro e a Embaixada da Índia, organizaram-se atividades de homenagem a base de conferências e exposições.

Cecília Meireles traduziu à nossa língua várias obras de Tagore: *Mashi*, *A bela vizinha* e outros contos, sete poemas do livro *Purobi*, que Tagore lhe dedicara a Victoria

Ocampo, e *O carteiro do rei*. No mesmo ano (1962) publicou-se com a sua tradução, a obra *Çaturanga* (*Choturongo*) na coleção de prémios Nobel.

36. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO, PRESENCIAL, organização



José Soares (de Abrantes Reis), nasceu em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948. Jornalista e investigador. Formação em Comunicação Social e História.

Foi Presidente regional do partido liberal do Quebeque. Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque. Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do Atlântico (PDA).

Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *AÇORES 9*, (2007) Jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010.

Foi delegado da RDP/RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos. Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras.

Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma Crónica semanal no Decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. Foi considerado por Osvaldo Cabral, Jorge Nascimento Cabral e outros, como o mais acutilante articulista da altura.

A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César.

É SÓCIO DA AICL E FAZ PARTE DA ORGANIZAÇÃO. PARTICIPOU NO 7º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE 2007, 11º LAGOA 2009, 17º LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS E 22º SEIA 2014

37. KATHARINE F BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA



KATHARINE F. BAKER, tradutora, é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, de origem açoriana no lado paterno.

Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, ganhou um Mestrado na Universidade de Maryland-College Park, e estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia.

Com Diniz Borges traduziu em Inglês o romance *I No Longer Like Chocolates* de Álamoliveira [2006], o livro *My Californian Friends: Poetry* de Vasco Pereira da Costa [2009], e (também com Bobby J. Chamberlain, Ph.D.) a pequena história *The Portuguese Presence in California* de Eduardo Mayone Dias, Ph.D. [2009]; com Dr. Chamberlain o ensaio “1,500 Visas Via a Volcano” de Álamoliveira no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies* de Tony Goulart [2008]; e, com Sandy Ventura os poemas de Gabriela Silva no livro *Ilha* [2007].

Acabou os primeiros rascunhos das traduções do romance *Sorriso por dentro da noite* de Adelaide Freitas (com Dr. Chamberlain e Diniz Borges), da peça *Bocas de mulheres* e da poesia *andanças de pedra e cal* (os dois de Álamoliveira); e acaba de começar a traduzir o livro de ensaios *O peso do hífen* de Onésimo T. Almeida, PhD.

Contribui para a “Maré Cheia” no Jornal californiano *Tribuna Portuguesa*, à Revista semestral *AndarILHagem* e ao website das Comunidades (RTP).

Criou e atualiza os websites www.inolongerlikechocolates.com / www.mycalifornianfriends.com.

Tomou parte em 17º COLÓQUIO NA LAGOA 2012, NO 19º COLÓQUIO NA MAIA 2013 E NO 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO

TEMA 4.1. Traduzir para Inglês a Crónica “A Graciosa Ilha” (“Graciosa, the Gracious Island”) de Victor Rui Dore¹ Katharine F. Baker and Bobby J. Chamberlain, Ph.D., University of Pittsburgh, Pittsburgh, Pensilvânia, EUA

Victor Rui Dore, natural da Graciosa que mora no Faial há três décadas, é professor e autor prolífico. Depois de visitar todas as nove ilhas dos Açores, escreveu uma crónica sobre cada, que foram publicadas no website das Comunidades em 2013 e que eu e Bobby J. Chamberlain traduzimos para inglês. Victor começa “A Graciosa Ilha” assim: “Não é impunemente que se nasce na segunda mais pequena ilha dos Açores, onde a terra é pouca, o mar é vasto e o sonho é enorme... Por isso faço, desde já, uma declaração de interesses: sou graciosense com muito orgulho e saudade. A Graciosa faz parte da minha memória primeira e do meu imaginário afetivo. Foi nesta ilha que despertei para a vida, para o mundo e para o conhecimento das coisas. Saí um dia da Graciosa, mas a Graciosa não saiu de mim – ela navega em mim, carrego-a dentro de mim. Por isso mesmo sinto o direito e o dever de reivindicar aquilo que, dentro e fora de fóruns de debate, tenho vindo a chamar de graciosensidade, conceito que criei a partir de açorianidade, de Vitorino Nemésio. E a minha graciosensidade é precisamente o meu apego e o meu amor incondicional pela ilha Graciosa, é a minha marca de identidade e de identificação com o espaço graciosense”.

38. LÚCIA AGUIAR, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, TOMA PARTE NAS SESSÕES CULTURAIS

39. LUCIANO JOSÉ BAPTISTA DOS SANTOS PEREIRA, PROFESSOR COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL

LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA,
luciano.pereira@ese.ips.pt

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês); Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e Literaturas Românicas, Provas Públicas para Professor Coordenador

1. Comunicações e artigos:

- L´intercultural, l´audiovisuel et l´enseignement des langues
- As cores da língua portuguesa como expressão de cultura
- A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes
- Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.
- A representação da Ilha na literatura de temática açoriana

¹ Dore, Victor Rui. “A Graciosa ilha.” Disponível em <http://www.rtp.pt/acoresh/comunidades/a-graciosa-ilha-victor-rui-dore-41372> em 06/12/2013.

- A representação da Arrábida na literatura portuguesa



BRAGANÇA 2010



MOINHOS 2014

- O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa
- O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular
- Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional

- A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica

2. Ensaios:

- O universo do imaginário
- Os bestiários franceses do Século XII
- O bestiário e os contos tradicionais portugueses
- A fábula em Portugal

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

- A cidade
- O mundo das línguas

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)

- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2015)
- Presidente do Júri da Prova de ingresso para os estudantes com mais de 21 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2015)



• MAIA 2013



FLORIPA 2010

SÓCIO FUNDADOR DA AICL - MEMBRO DO CONSELHO FISCAL - TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002, INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

TEMA 3.1.1. Vitorino Nemésio: Poème dramatique Au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução

Seguindo a cronologia apresentada por Fátima Freitas Morna na primeira publicação das Obras Completas de Vitorino Nemésio, em 1934, após ter concluído a sua licenciatura na faculdade de Letras de Lisboa, onde iniciou a sua carreira académica,

enquanto docente de Literatura Italiana, o autor parte para a Universidade de Montpellier, onde, durante dois anos, será responsável pelo curso de Língua e Literatura Portuguesa. O seu amor e domínio da língua e da cultura francesa foram tão profundos que, em 1935, publica *La Voyelle Promise*. São 32 poemas em que, expressa, simultaneamente, sentimentos profundamente espontâneos, dolorosos, e, por vezes brutais. A obra apresenta-se como um conjunto heterogêneo, tanto pelos temas tratados, como pelas formas cultivadas. Está todavia longe de poder ser considerada como uma obra menor, uma vez que representa, aos olhos de vários críticos, um corajoso exercício de afirmação de uma nova poética, verdadeiramente válida e original.

40. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO - UNIVERSIDADE DE COIMBRA, Portugal



LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO é Doutorando em Pós-colonialismos e Cidadania Global com a Tese “Pelo Sul se faz caminho: transculturalidades na obra de Manuel Rui”, do (CES/FEUC) - Centro de Estudos Sociais e da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Colaborador do projeto (CES/FCT) “[De S. Paulo de Luanda a Luanda, de Lourenço Marques a Maputo: capitais coloniais em tempos pós-coloniais](#)”. Membro do GAIEPC Grupo Autónomo de Investigação em Estudos Pós-Coloniais.

Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona de Lisboa com a dissertação “CPLP - a Cultura como Principal Fator de Coesão”.

Licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica (Faculdade Filosofia de Braga), foi membro da bolsa de formadores do ACIDI (Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural), é professor reformado, ex-Adido Cultural de Portugal em Luanda, Luxemburgo e Bruxelas, Diretor do Centro Cultural Português em Luanda e Luxemburgo, cooperante-formador na DGEX (Direção Geral de Educação de Adultos em Cabo Verde), fundador da AICL, formador do Projeto Entreculturas do Ministério da Educação.

Foi assessor pedagógico no Ministério da Educação de Roberto Carneiro. Áreas de interesse: interculturalidade, estudos africanos, pós-colonialismos, literaturas africanas, relações internacionais. Escritor, ensaísta, investigador CES.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. MODERADOR DE SESSÕES. TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE 2010 BRAGANÇA, 2011 EM MACAU E SANTA MARIA, 2012 LAGOA E GALIZA, MAIA, SEIA 2013, SEIA 2014

TEMA 2.3. O “OUTRO” E A IDENTIDADE ANGOLANA: INCORPORAÇÕES E TRANSCULTURALIDADES NO SUL, SEGUNDO MANUEL RUI. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO. CES/FEUC – DOUTORANDO EM PÓS-COLONIALISMOS E CIDADANIA GLOBAL /CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS/FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Quando, no final do século XV, os povos que habitavam o território angolano utilizavam a oratura, chegaram os primeiros marinheiros/ comerciantes portugueses trazendo com eles a escrita. Deste encontro cultural resultou uma apropriação da escrita pelos autóctones, como forma de expressão cultural.

Isto nos ensina Manuel Rui que há mais de 40 anos vem construindo a representação dos processos culturais atravessados pelos angolanos. É que a “angolanidade” revela-se, hoje, como o resultado de travessias internas (várias etnias/culturas bantu e não bantu) e externas, que vão e regressam, circulando pelo Atlântico Sul: Angola-África-América-Península Ibérica.

Estes são espaços que o eurocentrismo, o capitalismo e o colonialismo sempre empurraram e catalogaram para a periferia e subalternidade. Hoje surgem com propostas diferentes de pensar e sentir num Sul que é contra-hegemónico e não vingativo.

41. LURDES CUNHA, EBS GRACIOSA, APOIO como GUIA CULTURAL NOS



PASSEIOS CULTURAIS

42. MANUEL OSVALDO, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

43. MARIA DA CONCEIÇÃO CASTELEIRO, AICL Lisboa, PORTUGAL, PRESENCIAL CONVIDADA



É SÓCIO DA AICL. ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010

44. MARIA DO SOCORRO PESSOA, UNIVERSIDADE DE AVEIRO



Seia 2014

sopessoa@gmail.com; sopessoa@unir.br; sopessoa5@hotmail.com;
mspessoa@ua.pt

Maria do Socorro Pessoa é Linguista e Educadora, com Graduação em Letras, pela UEL- Universidade Estadual de Londrina, PR., Mestrado em Linguística, com área de concentração em Sociolinguística, pela UNICAMP-Campinas-SP., Doutorado em Linguística, área de concentração em Sociolinguística, pela UNICAMP-Campinas-SP, Pós-Doutorado em Didática e Tecnologia Educativa na

Formação de Professores de Língua(s) para atuarem em ambientes plurilinguísticos-dialetais, pela Universidade de Aveiro, Portugal.

É Professora Associada e Pesquisadora aposentada pela Universidade Federal de Rondônia.

- Tem formação, experiência e prática nas áreas de Linguística, Língua Portuguesa, Sociolinguística, Etnolinguística, Educação e Formação de Professores.

- É Líder do GEPS - Grupo de Estudos e Pesquisas Sócio-Etnolinguísticas, vinculado ao CEPLA, Centro de Pesquisas Linguísticas da Amazônia, da Universidade Federal de Rondônia, Campus de Guajará-Mirim.

- Atua nos temas: Sociolinguística, Educação Linguística, Ensino de Língua(s), Etnolinguística e Formação de Professores para atuarem em ambientes plurilinguísticos. Investiga a(s) Língua(s) e as Linguagem(ens) dos povos Amazônicos e Amazônidas.

- Tem trabalhos apresentados em eventos Científicos, Mestrados e Cursos diversos no Brasil e em Países Europeus.

- É membro investigador/colaborador do LEIP – Laboratório de investigação em Língua Portuguesa, da Universidade de Aveiro, Portugal.

- Atualmente desenvolve o projeto de Políticas Didático-Linguísticas para/na Formação de Professores de Língua Portuguesa no mundo.



É SÓCIA DA AICL. ESTEVE PRESENTE EM 2007 NO COLÓQUIO EM BRAGANÇA E EM SEIA 2014

TEMA 2.5 POLÍTICAS DIDÁTICO-LINGUÍSTICAS PARA DIFUSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA, MARIA DO SOCORRO PESSOA

Ao se pensar em Língua Portuguesa do Brasil, logo considera-se que este é um país monolíngue. Esse conceito não é de todo certo. Possuímos apenas uma língua, segundo o artigo 13 da Constituição Federal Brasileira: “A Língua Portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, porém, na prática, são faladas cerca de 210 idiomas; no meio indígena falam-se por volta de 170 línguas; existem outras 30 línguas entre as comunidades de descendentes de imigrantes; e, ainda, existe a Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, além das línguas de imigrantes e de remanescentes dos

Quilombos. Dessa forma, somos um país de inúmeras línguas/linguagens, portanto, plurilíngue. Diz-se que um falante é plurilíngue quando utiliza, no seio de uma mesma comunidade, várias línguas, conforme o tipo de comunicação (em sua família, em suas relações sociais, em suas relações com a administração, etc.). Diz-se de uma comunidade que ela é plurilíngue quando várias línguas são utilizadas nos diversos tipos de comunicação. A Amazônia é um grande exemplo disso: Língua Portuguesa, dialetos da Língua Espanhola, Línguas Indígenas, Línguas de Imigrantes e Línguas dos remanescentes de Quilombolas, todas em contato nas salas de aula da Rede Pública de Ensino, onde se ensina, portanto, a Língua Portuguesa Materna e Não-Materna simultaneamente. Faz-se necessário descobrir-se meios e modos de difusão da Língua Portuguesa, inclusive nas salas de aulas com populações tão diversificadas, uma vez que é esta a Língua oficial do Brasil e, a Educação Linguística, espera-se, tem, na Escola, o coloquial e o formalismo para expandir-se. As Políticas Didático-Linguísticas não são Metodologias de Ensino, não são receitas para a ministração de aulas. As Políticas Didático-Linguísticas são, na verdade, a tomada de decisão do professor que, para aplicá-las, necessita de uma Formação para além das teorias, para além das Práticas de Ensino.

Palavras-Chaves: Políticas Didático-Linguísticas. Lusofonia. Língua Portuguesa. Amazônia.

45. MARIA HELENA ANÇÃ, UNIVERSIDADE DE AVEIRO/AICL



M^a Helena Ançã, Prof.^a Associada c/ Agregação da Universidade de Aveiro, Departamento de Educação. Coordenadora (c/ Cristina Sá) do Laboratório de Investigação em Educação em Português, do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (Universidade de Aveiro). mariahelena@ua.pt

É SÓCIA DA AICL. JÁ PARTICIPOU EM COLÓQUIOS 15º MACAU 2011, 18º GALIZA 2012, 19º SEIA 2013, 22º SEIA 2014

TEMA 2.5 A disciplina de Português no âmbito do novo currículo do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste. Maria Helena Ançã, (mariahelena@ua.pt) / CIDTFF1- Universidade de Aveiro, Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF)

O presente texto pretende dar a conhecer um projeto que decorreu na Universidade de Aveiro (UA), de 2010 a 2013: *Reestruturação do Ensino Secundário Geral em Timor-Leste* (www.ua.pt/esgtimor), coordenado por Isabel P. Martins e Ângelo Ferreira, da mesma Universidade.

Este projeto resultou de um Protocolo de Cooperação entre o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, a Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) e o Ministério da Educação de Timor-Leste, tendo a FCG contactado/convidado a UA para o desenvolvimento do projeto, com financiamento do Fundo da Língua Portuguesa.

Para o efeito, foi concebido um Plano Curricular para o Ensino Secundário Geral (10.º, 11.º e 12.º), com 14 áreas disciplinares, para as quais se construíram os programas, os manuais do aluno e os guias do professor, sendo o Português uma disciplina nuclear em todo este processo.

É, pois, objetivo deste texto apresentar os pressupostos subjacentes à construção dos materiais didáticos para o ensino do Português na realidade educativa timorense, assim como divulgar alguns desses materiais.

46. MARIA ZÉLIA BORGES, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (jubilada)



MARIA ZÉLIA BORGES é Mestra e Doutora em Letras/Linguística pela Universidade de São Paulo. Exerceu o magistério durante cinquenta anos. Depois de lecionar na rede pública e particular no nível básico e médio em Minas Gerais e São Paulo, foi professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, onde

lecionou durante trinta e quatro anos. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, bem como livro com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil. Agora, aposentada, trabalha apenas naquilo que lhe dá prazer: pesquisas de léxico, de vocabulário, enquanto namora sua terra, Portugal e Açores, nesta ordem.



GALIZA 2012

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. TOMOU PARTE NA RIBEIRA GRANDE 2006 E 2007, EM BRAGANÇA 2007, 2008, 2009, LAGOA 2008/2009, BRASIL 2010, MACAU 2011, VILA DO PORTO 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

TEMA. 2.7. INHOTIM – Espaço Lusófono, Mas Também Bilingue.

Neste 24º Colóquio, usarei como base para o estudo um texto não literário, mas sim um que versa sobre arquitetura, escultura, biologia, jardinagem e paisagismo. De fato, o texto se fez com dados da Revista bilingue Monólito: *Inhotim – arte, arquitetura e paisagismo/ Inhotim – architecture art e landscape*. Trata de um museu a céu aberto visitado por pessoas do mundo inteiro, um jardim criado por um minerador, Bernardo Paz, que se tornou jardineiro visionário, plantador de sonho. Criou Inhotim, para onde levou arquitetos, escultores, pintores, paisagistas, biólogos, jardineiros e quejandos a fim de construir *O Jardim Botânico Inhotim*, no município de Brumadinho, Minas Gerais. Destaco no texto o tópico de nº 4, onde agrupei palavras do Léxico lusófono Brasileiro, com alguns elementos típicos de Minas Gerais. Baseada em mais de uma viagem a Inhotim, aproveitei para dedicar meu texto ao idealizador de Inhotim, Bernardo Paz e também a um escritor açoriano, Cristóvão de Aguiar, que me forneceu subsídios teóricos para distinguir emoções diante do belo. Estendo meu agradecimento aos demais açorianos que, anualmente, nos recebem e tornam apazíveis nossos Colóquios de Lusofonia. Vejo-me também devedora de agradecimentos a todos aqueles que trabalham em Inhotim e nos recebem tão gentilmente.

47. MARINA SILVA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

48. MARISA MENDONÇA, DIRETORA EXECUTIVA DO IILP



Seguindo o princípio da rotatividade entre os Países da CPLP para a Direção Executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), a Professora Doutora Marisa Guião de Mendonça, nomeada na Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo, Dili, 2014, foi empossada como diretora executiva do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, órgão da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). A duração do seu mandato é de dois anos (2014-2016). Com vasta experiência em gestão, a nova diretora assume com muitos desafios pela frente, entre eles estão o de desenvolver as bases de trabalho, dar continuidade aos projetos e as ações iniciadas, na gestão anterior; iniciar e desenvolver, de forma inovadora as prioridades incluídas nos Planos de Ação de Brasília e de Lisboa. Comunicar bilateralmente com o universo institucional mais amplo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e partilhar o seu mandato com as Comissões Nacionais (CN) dos diferentes Países que integram o IILP e a CPLP.

Sobre a Diretora

Nascida em Moçambique, Marisa Mendonça é Doutora em Educação/ Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil. Foi Diretora da Faculdade de Línguas da Universidade Pedagógica, Moçambique (2003-2009). Atuou como Coordenadora Geral do Programa de Formação Contínua de Professores de Português - modalidade semi-presencial (Programa Universidade Pedagógica-Instituto Camões), 2005-2013. Entre 2009 a 2012, assumiu como Diretora da Faculdade de Ciências da Linguagem, Comunicação e Artes da Universidade Pedagógica, Moçambique. Diretora da Escola Superior de Contabilidade e Gestão da Universidade Pedagógica, Moçambique (2012-2014). Sua experiência na área de lecionação ao nível de graduação e pós-Graduação concentra-se na Didática do Português, Supervisão Pedagógica em Ensino de Línguas; Análise e Produção de Materiais Didáticos para o Ensino de Língua, Produção de Recursos Didáticos para o Ensino de Português/ Língua

Estrangeira, Produção de Português Oral, Produção de Português Escrito. Já na área de investigação seus estudos focam as Metodologias de Ensino de Português, Língua Não Materna; Desenvolvimento Curricular em Línguas em contextos de diversidade linguística; Interculturalidade



APRESENTA O TEMA ILP: POR UMA VISÃO E GESTÃO PLURICÊNTRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA

RESUMO

A Língua Portuguesa assume-se, presentemente, uma língua de múltiplas fonias, geradas e traduzidas pelos/nos variados contextos em que é falada e ensinada, particularmente, pelos contactos que, naturalmente, estabelece com as demais línguas do mundo.

Defender uma visão e uma gestão pluricêntrica da Língua portuguesa tem sido, nos últimos anos, a principal linha de força da atividade desenvolvida pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), órgão da Comunidade dos Países de Língua portuguesa (CPLP), diretamente vocacionado para a promoção e difusão da nossa língua comum.

A perspetiva adotada tem sido suportada pelo desencadeamento de várias ações, a adoção de estratégias e metodologias específicas e a realização de projetos que traduzem a dimensão cada vez mais plural da Língua Portuguesa.

49. MIGUEL JUBÉ (Miguel d'Abadia Ramos Jubé Júnior), Universidade Federal de Goiás, UFG/CNPq, BRASIL

miguel jubé nasceu Miguel d'Abadia Ramos Jubé Júnior em Goiânia, capital do estado de Goiás e distante 200 quilômetros de Brasília, ambas as cidades situadas no Planalto Central do Brasil.

É mestre em Estudos literários pela Universidade Federal de Goiás e doutorando bolsista de pesquisa (CNPq) também em Estudos literários pela mesma Universidade (UFG), desenvolvendo o projeto "Linhas de força: por um modelo crítico-teórico para a poesia brasileira novecentista". Concentra seus estudos em poesia luso-brasileira, literatura goiana e estética e filosofia da arte. Antes, foi historiador da Griphus (Consultoria em Arqueologia), onde realizou estudos de formações históricas de diversos topônimos brasileiros, principalmente acerca de todo o estado de Goiás; foi professor de Língua portuguesa para o ensino básico estadual. É atualmente editor da martelo, casa editorial que publica poesia e prosa científica em ciências humanas e literárias.

Como poeta, recebeu, em 2014, o Prémio Literário Açorianidade, em honra de Brites Araújo, da Associação Internacional de Colóquios da Lusofonia por sua obra *poemas de minimemórias*, vencedora com unanimidade pelo júri. É autor, ainda, de mais três livros inéditos de poemas.

TEMA 3.1 RECOLHIMENTO DA MATÉRIA E RESTAURAÇÃO DA MEMÓRIA NA POESIA DE EMANUEL FÉLIX, Miguel d'Abadia Ramos Jubé Júnior (Universidade Federal de Goiás/CNPq)

É da arte como um todo – para o fazer poético não seria diferente – a capacidade de construção de uma realidade totalmente específica e diferenciada pelos recursos intrínsecos de cada linguagem. Para a poesia lírica e para a música, essa capacidade deve se intensificar. É a partir da própria linguagem e somente dela que pode haver a constituição de um mundo, já que a elas não cabe a simples imitação ou representação (AUERBACH, 2004) direta das coisas. Na poesia de Emanuel Félix, percebemos seu projeto (e sua *poiesis*) perscrutado pela *restauração da memória*, lograda finalmente

quando a *memória se plasticiza* no enformamento do poema. Essa *restauração* se nos dá em conjunto com o *recolhimento da matéria* – o sujeito lírico pega a matéria e a destaca/revela; aquilo que fica desse destaque, cavado/esculpido pela própria forma, recolhe-se. Assim, corrói o tempo e o espaço essa relação peculiar entre matéria e memória, constatando a ocorrência fundamental da mimesis-zero (COSTA LIMA, 2012) – não reduplicadora da realidade empírica, mas construtora em si e por si mesma (a linguagem, sua forma) da própria realidade. Adorno (2012, p. 74), nesse sentido, confirma que “as mais altas composições líricas são (...) aquelas nas quais o sujeito, sem qualquer resíduo da mera matéria, soa na linguagem, até que a própria linguagem ganha voz”. Fixo-me, principalmente, em alguns poemas de *O Vendedor de Bichos* (1965), *Poemas de Melibeia* (1965) e *A Palavra O Açoite* (1977) para verificar os elementos condutores desse processo de *restauração e plasticização da memória* pelo poema: o equilíbrio entre parataxe e hipotaxe e, pelo tensionamento entre logopeia e melopeia, a explosão fanopaica que *abisma a matéria* ao congelar o pensamento humano. Auxiliam-nos a percorrer esse caminho ainda a ideia de simbolismo ampliada por Edmund Wilson (2004) e os apontamentos para poética em Barthes (1972) e Mallarmé (2010).



VENCEDOR DO II PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADES EM 2013

50. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, AICL, PRESENCIAL

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em

1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters. Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*. As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

www.norberto-avila.eu
oficinadescrita@gmail.com

[/www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila)



SEIA 2013

ver caderno de estudos açorianos em

http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07/doc_download/1142-.html

ver vídeo homenagem AICL em

<http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/video-homenagens/2074-2015-09-01-13-06-49.html>

É SÓCIO AICL. JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS 2014, 22º EM SEIA 2014., 23º FUNDÃO 2015



de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade, migrações e identidades. Tem desenvolvido investigação sobre a temática da língua e da cultura portuguesas em

Macau. Em investigação sociológica conduzida em Macau, procurámos perceber junto de um número alargado de estudantes de língua portuguesa (na sua esmagadora maioria, estudantes chineses) se estes desenvolviam procuras complementares de componentes culturais, em português, ou se, pelo contrário, se percecionavam procuras divergentes entre língua e cultura.

MOINHOS 2014

51. **OLINDA GUILHERMINA KONRAD, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL, PRESENCIAL**



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ.

52. **PAULA SANTOS, Coro de Câmara Mus&Canto + Ensino Artístico EBS Graciosa, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS**

53. **PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES/ISCTE-IUL, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM / AICL, PORTUGAL**

PERPÉTUA SANTOS SILVA é socióloga, investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL, na linha de investigação “Desigualdades, Migrações e Territórios”. Desenvolve o seu trabalho sobre a realidade de Macau, tendo as suas teses de Mestrado e de doutoramento tratado a temática da língua portuguesa **BRAGANÇA 200** nesta Região. As suas principais áreas de interesse são: metodologias



MACAU 2011



MOINHOS DE PORTO FORMOSO AÇORES 2014

Iremos apresentar os resultados obtidos em relação a um conjunto de indicadores que representam conteúdos acessíveis a todos os estudantes de um modo regular, fazendo o seu cruzamento com as áreas de formação que os estudantes frequentavam.

É SÓCIO DA AICL. MODERA SESSÕES. /PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO. PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2009, 2010, MACAU 2011, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013. MOINHOS E SEIA 2014, FUNDÃO 2015

TEMA 2.1 A Língua Portuguesa Como Marcador Na Construção de Identidades No Contexto Multicultural de Macau, Perpétua Santos Silva, Investigadora do CIES-IUL

Tomando por referência o contexto multicultural de Macau, onde convivem e interagem diferentes grupos étnicos, consideraremos o significado da língua portuguesa no desenvolvimento de lógicas de construção de processos identitários, com particular referência ao grupo etnicamente diferenciado e comumente identificado como “os macaenses”. Um dos marcadores de etnicidade que usualmente é atribuído a este grupo étnico é precisamente o de a sua língua corrente ser a língua portuguesa.

Ainda que com o decorrer do tempo outros elementos possam ir ganhando saliência na construção de uma identidade macaense, ainda que se possam ir acentuando lógicas de afastamento aos tão consensuais marcadores culturais lusófonos e ainda que com o passar das gerações se verifiquem maiores manifestações de identificação com a cultura chinesa afigura-se-nos que, a curto prazo, esta minoria não irá abdicar do seu capital de distintividade, assumindo-se os marcadores identitários de matriz portuguesa de elevado significado simbólico para este segmento da população (narrativas de pertença e de identificação).

54. ROLF KEMMLER, UTAD (VILA REAL) – ALEMANHA / AICL



BRAGANÇA 2010

MACAU 2011

Rolf Kemmler, Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real).

Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014 é Doutoramento em Filologia Românica (Dr. Phil.) pela Universidade de Bremen em 2005 (Alemanha), com a Tese intitulada *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, publicada em 2007.

Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 com uma Tese intitulada *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa* (publicada em 2001 como artigo na Revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com vasto número de publicações dedicadas à historiografia linguística desde 1996, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramatografia portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX, tendo-se mais recentemente dedicado a aspetos da Literatura de Viagens anglófona novecentista que se dedica aos Açores.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

MODERA SESSÕES.

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO E SEIA 2014, FUNDÃO 2015.

TEMA 3.3. Os Açores Vistos Por Um Açoriano Na Diáspora: A Trip to the Azores or Western Islands (1867) de Manuel Borges de Freitas Henriques (1827-1873), Rolf Kemmler (Vila Real) *

Em 1867, o EMPRESÁRIO E ENTÃO VICE-CÔNSUL DE PORTUGAL EM BOSTON MANUEL BORGES DE FREITAS HENRIQUES (1826-1873) PUBLICOU UM LIVRINHO COM 137 PÁGINAS, INTITULADO *A TRIP TO THE AZORES OR WESTERN ISLANDS*. Nesta obra, bastante menos volumosa do que as outras do género que tinham sido publicadas anteriormente, o autor brinda-nos com quinze capítulos, escritos por ocasião de uma viagem de regresso ao arquipélago em 1866, realizada após a ausência de dezoito anos (Henriques (1867: 9). Em continuação de estudos já realizados sobre obras anteriores, pretendemos apresentar como este autor de origem açoriana retratou as terras e gentes dos Açores, especialmente na Ilha de São Miguel para o seu público anglófono nos Estados Unidos.



MOINHOS 2014



56. SANTA INÊZE DA ROCHA NEIVA SOARES, INSTITUTO CULTURAL DE PORTO ALEGRE, RO GRANDE DO SUL, BRASIL - ASSISTENTE PRESENCIAL



BRAGANÇA 2009



VILA DO PORTO 2011

É SÓCIA DA AICL. TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E DE BRAGANÇA 2009 SANTA MARIA 2011. FUNDÃO 2014

55. SANDRA PROSDÓCIMO, GIRA TEATRO, FLORIANÓPOLIS, SANTA CATARINA, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL



TOMOU PARTE NOS SEGUINTE COLÓQUIOS: 6º NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º LAGOA 2008, 11º LAGOA 2009, 13º EM FLORIPA 2010, 17º LAGOA 2012 PARTICIPA NAS SESSÕES DE TEATRO



LAGOA 2009

57. SÉRGIO PROSDÓCIMO, Diretor GRUPO GIRA-TEATRO, SANTA CATARINA, ASSISTENTE PRESENCIAL



SÉRGIO DA SILVA PROSDÓCIMO nasceu em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, em 05 de novembro de 1966.

Licenciado em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC; Especialista em Didática e Metodologia do Ensino: “A arte como meio auxiliar na reeducação de dependentes de drogas”, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Registro/São Paulo; Atua como arte-educador no Núcleo de Arte Educação do MASC – Museu de Arte de Santa Catarina/FCC (Fundação Catarinense de Cultura);

Realizador de projetos de luz cênica em teatros e bandas; Ministra oficinas e *workshops* com o tema “A Poética do Corpo”; Músico; Ator; *Performer*; Gestor cultural; Fundador e Diretor de expansão do Grupo Gira-Teatro. prosilva2004@yahoo.com.br / +55 48 9997 8290

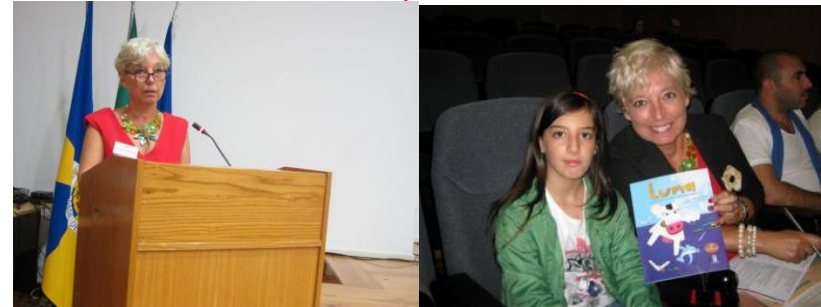


LAGOA 2009

SÓCIO DA AICL. PARTICIPA NAS SESSÕES DE TEATRO TOMOU PARTE NOS SEGUINTE COLÓQUIOS: 6º NA RIBEIRA GRANDE 2007, 9º LAGOA 2008, 11º LAGOA 2009, 13º EM FLORIPA 2010, 17º LAGOA 2012

58. SUSANA SILVA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

59. SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO, ESCRITORA AÇORIANA CONVIDADA, S. MIGUEL AÇORES,



SEIA 2014



SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO, AUTORA INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE

Licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores

Pós-graduada em “*Proteção de Menores – Prof. F. M. Pereira Coelho*” pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas, pela Universidade dos Açores

Mestre em Língua e Literatura Portuguesas, vertente Literatura Infantojuvenil, pela Universidade dos Açores. É técnica superior do quadro de pessoal da Direção Regional da Solidariedade e Segurança social, em Ponta Delgada.

Já publicou diversos contos infantis, diversos artigos em revistas e jornais e já foi coordenadora editorial de uma revista e de vários livros de Atas.

É autora (entre outras) das seguintes obras

2005, O menino perdido, bilingue, ilustrações de Fedra Santos, 1ª Ed Junta de Freguesia de Rabo de Peixe,

2005, Quando for grande quero ser pai, ilustrações Joana Dias, Ponta Delgada, Ed DRIO - Direção Regional da Igualdade de Oportunidades

2006, O discurso de género nos manuais escolares do 1º ciclo, Ed Instituto Ação Social

2007, Os sonhos de Inês, ilustrações de Luís Roque, Ana do Rego Oliveira e Rui Costa, Edição Nova Gráfica

2008, Luna E As Ilhas Fantásticas Dos Açores, Ilustrações André Laranjinha, Artes E Letras

2008, O menino perdido, ilustrações de Fedra Santos, bilingue, 2ª ed., Junta de Freguesia de Rabo de Peixe

2009, Minha querida avó, ilustrações de Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto

2009, De outra cor, Ilustrações Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, DRIO

2009, Um natal encantado, Ilustrações Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto

2009, Sou diferente, sou fantástico, Ilustrações Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, DRIO

2009, Diário do meu segredo, ilustrações de Abigail Ascenso, Ed SRTSS, DRIO

2010, O anjo do lago, Ilustrações Fedra Santos, Maia, Ed Livro Direto

2011, Minha querida avó., Ilustrações Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM

http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/2015-08-07-21-29-07/doc_download/1862-caderno-26-susana-teles-margarido.html

ver vídeo homenagem em <http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/video-homenagens/2028-homenagem-aicl-a-susana-margarido.html>

PARTICIPOU NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS 2014, 22º EM SEIA 2014 E 23º FUNDÃO 2015 SÓCIA DA AICL TOMA PARTE NAS SESSÕES DE POESIA,



[NO 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014]

APRESENTA LIVRO SAHAR, A RAPARIGA DO VÉU

60. TATIANA SILVA, Coro de Câmara Mus&Canto + Ensino Artístico EBS Graciosa, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

61. TONI SILVEIRA, TEATRO A SEMENTE, GRACIOSA, PARTICIPA NAS SESSÕES CULTURAIS

62. VICTOR RUI DORES, ESCRITOR, GRACIOSA, ESCOLA SECUNDÁRIA MANUEL DE ARRIAGA NA HORTA, CONVIDADO AICL

VICTOR RUI RAMALHO BETTENCOURT DORES Nasceu no dia 22 de maio de 1958 na Vila de Santa Cruz da Ilha Graciosa, Açores. Em 1968 fixou-se com a família na Ilha Terceira, onde permaneceu 1978, tendo um ano antes concluído o curso liceal no então Liceu Nacional de Angra do Heroísmo. Licenciado em Germânicas pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, é professor do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária Manuel de Arriaga e, na cidade da Horta, desenvolve apreciável atividade cultural. Com vários livros publicados, é poeta, romancista, contista, ensaísta, cronista, crítico literário, e, nos últimos anos, tem-se dedicado à etnomusicologia e à linguística. Colabora regularmente nos jornais, na rádio, na televisão dos Açores e da diáspora e está ligado à atividade teatral como ator e encenador. Entre setembro de 1997 e julho de 2004 exerceu o cargo de Presidente da Comissão Executiva Provisória do Conservatório Regional da Horta. É, desde 1998, o representante da Região Autónoma dos Açores no Conselho Nacional de Educação.

Poeta, escritor, ensaísta e crítico literário, dedica-se ainda à etnomusicologia e aos estudos etnográficos. No campo da linguística, pesquisa, há mais de 20 anos, os sotaques, as pronúncias e as variantes dialetais das Ilhas açorianas. Escreve crónicas para jornais e revistas regionais, nacionais e da diáspora e é assíduo colaborador da RTP/RDP AÇORES. Está ligado à atividade teatral como ator (no grupo de teatro “Carrocel”, de que é também Presidente da Direção) e como encenador (no grupo de teatro “Sortes à Ventura”, da Escola Secundária Manuel de Arriaga, projeto pelo qual é responsável desde 1988 e para o qual escreveu e encenou cerca de quarenta peças). Entre 2004 e 2007 foi membro da comissão editorial do Boletim do Núcleo Cultural da Horta. É, desde agosto de 2004, Cidadão Honorário da Ilha Graciosa. Em julho de 2006 a Câmara Municipal da Horta prestou-lhe homenagem pública pelo seu “contributo na promoção das artes e da literatura no âmbito da cultura local e regional”.



OBRA PUBLICADAS.

- 1978. Poemas De Fogo E Mar, Poesia, Horta, Angra Do Heroísmo, Ed autor
- 1979, Na Antologia Cadernos Coletivos De Poesia – Antologia Org. Emanuel Jorge Botelho – Raiz, Suplemento Cultural Do “Correio Dos Açores”, Ponta Delgada, 1 fevereiro 1979.
- 1981, in Antologia O Lavrador De Ilhas, De J H Santos Barros, Angra, DRAC, col Gaivota
- 1982, in Antologia Toda E Qualquer Escrita, De João De Melo, Lisboa, Ed. Vega
- 1983, in Antologia A Questão Da Literatura Açoriana, De Onésimo Teotónio Almeida, Angra, DRAC, col Gaivota
- 1984, in Antologia Poética Dos Açores, 2º vol., De Ruy Galvão De Carvalho, Angra, DRAC, col Gaivota,
- 1987. “Contos Infernais Ou A Efabulação Do Poder”. Ed Signo.
- 1987. Grimaneza, Ou Um Barco Chamado Desejo Contos”. In Jornal De Letras E Artes D.L.
- 1990, De algumas breves impressões sobre alguns escritores açorianos, Separata de Quarto Crescente nº 23, Angra
- 1990, Entre O Cais E A Lancha, Poesia Horta, Ed autor
- 1990, Histórias Com Peripécias, Edição Do Correio Da Horta,
- 1991, À Flor Da Pele, Poesia, Ed autor, Tipografia Correio Da Horta, ed. autor
- 1991, Sobre Alguns Nomes Próprios Recolhidos Na Ilha Graciosa, Ensaio, Separata Do Boletim Do Museu De Etnografia Da Graciosa
- 1994, Folheio Estes Silêncios... Atlântida, Angra Do Heroísmo; Instituto. Açoriano De Cultura. 39:2

- 1999, Histórias Com Peripécias, 2ª ed., Horta, Edição Do Correio Da Horta
- 1999, Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, De Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Ed. Instituto Camões.
- 2000, Açores, As Ilhas Ocidentais - Azores, The Western Islands, Álbum Fotográfico, Parceria com o fotógrafo Karl Heinz Raach, Angra Do Heroísmo, Blu Edições,
- 2000, in Nove Rumores do Mar, Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea, org Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Seixo Publishers
- 2000, Bons Tempos, Crónicas, Ed. Do Correio Da Horta
- 2003, in Antologia On A Leaf Of Blue: Bilingual Anthology Of Azorean Contemporary Poetry, Tradução E Org. De Diniz Borges Institute Of Governmental Studies Press/University Of California, Berkeley
- 2003, A olhar para cima, filme, teatro
- 2004, A Casa Das Rugas, Lisboa, Campo Das Letras
- 2004, *Vitorino Nemésio e a cidade da Horta*, Horta, Boletim do Núcleo Cultural da Horta, vol. 13
- 2004, in Antologia Nem Sempre A Saudade Chora – Antologia De Poesia Açoriana Sobre Emigração, Seleção, Introdução E Notas De Diniz Borges Edição Da Direção Regional Das Comunidades
- 2005, Fátima Toste, Porto Pim do meu encanto, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, João Gomes Vieira, O Homem e o Mar, os açorianos e a pesca longínqua nos bancos da Terra Nova e Gronelândia, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, 14
- 2005, Onésimo Teotónio de Almeida, Onze prosemas, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, Cristóvão de Aguiar, Nova Relação de Bordo, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, A Valsa Do Silêncio, Horta, Ed autor, Nova Gráfica
- 2005, Sobre “Trasfega” de Cristóvão de Aguiar, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, Sobre “Da Condição Humana em As Coisas da Alma, de João de Melo, Horta, Boletim Núcleo Cultural da Horta, nº 14
- 2005, Na Antologia “Xx3x20” 20 Pinturas/20 Melodias/20 Poemas, Direção Regional Da Cultura, Açores
- 2007, in Voices from the islands, an Anthology of Azorean Poetry, John M K Kinsella, Gávea-Brown Publications, Providence, Rhode Island Publications, Providence, Rhode Island
- 2009, A Graciosa Ilha, Álbum Fotográfico, parceria com o fotógrafo José Nascimento F. Ávila, Edição Câmara Municipal De Santa Cruz Da Graciosa, Nova Gráfica,
- 2010, Crónicas Insulares, Nova Gráfica, ed autor

- 2011, Crónicas Insulares, 2ª ed, Gráfica O Telégrafo, Horta, ed autor
- 2011, in Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2012, in Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos, Helena Chrystello e Rosário Girão, AICL-Colóquios da Lusofonia Ed Calendário de Letras V. N. de Gaia
- 2014, Faial of the faias, tradução de Katharine F. Baker e Bobby J Chamberlain in <http://www.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=Faial-of-the-faixas--Translation-by-Katharine-F-Baker-and-Bobby-J-Chamberlain.rtp&post=47673>
- No Prelo, Ilhas Do Triângulo, Coração Dos Açores A viagem de Jacques Brel,
- No Prelo, Mulher Nua Em Contraluz, Novela, (Pré-publicação dos primeiros capítulos da novela **Mulher Nua em contraluz**, de Victor Rui Dóres,



• **VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS EM**
http://lusofonias.net/doc_download/1447-caderno-17-victor-rui-dores.html

ver vídeo homenagem em
<http://www.lusofonias.net/cadernos-suplementos-videohomenagens-bibliografia/video-homenagens/2080-victor-rui-dores-homenagem-2015.html>

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

TEMA 3.1. DA MINHA GRACIOSENSIDADE

Sou graciosenses com muito orgulho e saudade. Um dia saí da Graciosa, mas a Graciosa não saiu de mim. Esta é uma ilha que navega dentro de mim e que, de alguma forma, carrego às costas. Por isso mesmo criei, em 2006, o conceito da GRACIOSENSIDADE, por decalque de “açorianidade”, de Vitorino Nemésio, que, por sua vez, havia decalcado de “hispanidad” de Miguel de Unamuno.

GRACIOSENSIDADE é o meu apego, o meu amor incondicional, a minha identidade e identificação com a Ilha Graciosa e com o imaginário graciosense.

Na minha intervenção lançarei alguns olhares sobre a história, a geografia, a onomástica, os usos, costumes e tradições da Ilha Graciosa, sendo meu propósito caracterizar as marcas de uma maneira de ser e estar graciosenses.

63. MONSENHOR (CARLOS FILIPE) XIMENES BELO, CONVIDADO AICL, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI, TIMOR, PRÉMIO NOBEL DA PAZ 1966



MAIA 2013

DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO (Uailacama, Baucau, Timor-Leste, 3 de fevereiro de 1948) é um Bispo católico timorense que, em conjunto com José Ramos-Horta, foi agraciado com o Nobel da Paz de 1996, pelo seu trabalho "em prol de uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste".

Quinto filho de Domingos Vaz Filipe e de Ermelinda Baptista Filipe, Carlos Filipe Ximenes Belo nasceu na aldeia de Uailacama, concelho (hoje distrito) de Baucau, na costa norte do então Timor Português. O seu pai, professor primário, faleceu quando o jovem Carlos Filipe tinha apenas dois anos de idade.



4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005)

Os anos de infância foram passados nas escolas católicas de Baucau e Ossú, antes de ingressar no Seminário de Dare, nos arredores de Díli, formando-se em 1968.

Excetuando um pequeno período entre 1974 e 1976 -- quando esteve em Timor e em Macau --, entre 1969 e 1981, Ximenes Belo repartiu o seu tempo entre Portugal e Roma, onde se tornou membro da congregação dos Salesianos e estudou filosofia e teologia antes de ser ordenado Padre em 1980.

De regresso a Timor-Leste em julho de 1981, Ximenes Belo esteve ligado ao Colégio Salesiano de Fatumaca, onde foi professor e diretor.

Quando em 1983 se reformou Martinho da Costa Lopes, Carlos Filipe Ximenes Belo foi nomeado administrador apostólico da Diocese de Díli, tornando-se chefe da Igreja em Timor-Leste, respondendo exclusivamente perante o papa.

Em 1988, em LORIUM, Itália, foi consagrado como Bispo.



BRAGANÇA 2005

4º COLÓQUIO BRAGANÇA 2005)

A nomeação de Ximenes Belo foi do agrado do núncio apostólico em Jacarta e dos próprios líderes indonésios pela sua aparente submissão.

No entanto, cinco meses bastaram para que, num sermão na sé catedral, Ximenes Belo tecesse veementes protestos contra as brutalidades do massacre de Craras em 1983, perpetrado pela Indonésia.

Nos dias de ocupação, a Igreja era a única instituição capaz de comunicar com o mundo exterior, o que levou Ximenes Belo a enviar sucessivas cartas a personalidades em todo o mundo, tentando vencer o isolamento imposto pelos indonésios e o desinteresse de grande parte da comunidade internacional.

A sua primeira entrevista a um órgão de comunicação, sob a ocupação indonésia, foi dada a Chrys Chrystello em agosto 1988 para a LUSA, RDP e TDM. Outras se seguiriam entre 1988 e 1993.

Em fevereiro de 1989 Ximenes Belo escreveu ao Presidente de Portugal, Mário Soares, ao papa João Paulo II e ao secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuellar, reclamando por um referendo sob os auspícios da ONU sobre o futuro de Timor-Leste e pela ajuda internacional ao povo timorense que estava "a morrer como povo e como nação".

No entanto, quando a carta dirigida à ONU se tornou pública em abril, Ximenes Belo tornou-se uma figura pouco querida pelas autoridades indonésias. Esta situação veio a piorar ainda mais quando o Bispo deu abrigo na sua própria casa a jovens que tinham escapado ao massacre de Santa Cruz (1991) e denunciou os números das vítimas mortais.

A sua obra corajosa em prol dos timorenses e em busca da paz e da reconciliação foi internacionalmente reconhecida quando, em conjunto com José Ramos-Horta, lhe foi entregue o Nobel da Paz em dezembro de 1996. (in [Wikipédia](#))

TEMA 3.8 - BISPOS AÇORIANOS EM MACAU E MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR. Dom Carlos Filipe Ximenes Belo

Bispos e sacerdotes açorianos em Timor-Leste

Diálogos Lusófonos nos Açores - 2013.

Este pequeno trabalho consta de dois capítulos: o primeiro dedicado aos bispos de Macau; e o segundo fala do primeiro Bispo de Díli e de sacerdotes que trabalharam em Timor no século XX.

1º capítulo: Bispos e padre dos Açores em Macau

1º - **Dom Manuel Bernardo de Sousa Enes** (1873-1883). Natural da vila de Topo, ilha de São Jorge. Chegou a Macau em 2 de Janeiro de 1977. Estabeleceu oficialmente as Filhas da Caridade (Canossianas); mandou para Timor, o superior e vigário geral das missões, o padre António Joaquim de Medeiros.

2º - **Dom João Paulino de Azevedo Castro** (1902-1918). Fundou o Boletim do Governo Eclesiástico de Macau. No seu tempo entraram em Macau as Franciscanas de Maria que tomaram conta do colégio de Santa Rosa de Lima; os salesianos que fundaram o Orfanato da Imaculada Conceição (1906). Fundou o Boletim Eclesiástico do Governo de Macau (1903).

3º - **Dom José da Costa Nunes** (1918-1940). Fundou a Escola de preparação de professores catequistas em Macau; desenvolveu as missões católicas de Timor,

escola de artes e ofícios, escola de professores e catequistas, e aprovação para a fundação do seminário menor.

4º- **Dom Paulo Tavares** (1961-1973). Remodelou as paróquias da cidade de Macau, dando-lhe uma nova divisão territorial, Realizou muitas obras no campo da educação e da juventude e assistência.

5º - **Dom Arquimínio da Costa** (1976-1988). Natural de São Mateus, Pico.

2º capítulo - **Bispo Dom Jaime** Garcia Goulart

Dom Jaime Garcia Goulart, natural de Candelária, concelho de Madalena, ilha do Pico. Foi primeiro bispo de Díli, Timor, (1945-1967). Mas em 1941, havia sido nomeado administrador apostólico da nova diocese de Díli erecta a 4 de Setembro de 1940. Fundou missões, o seminário menor, reabriu a escola de professores-catequistas e muitas escolas primárias e colégios.



MAIA 2013



MAIA 2013



COM O BISPO DE ANGRA NO COLÓQUIO DA MAIA 2013



24º Colóquio da Lusofonia

24-27 setembro 2015

Entrada Livre - Hotel Graciosa Resort



Governo dos Açores



ambiente açores